

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADES



ROMEIRA DA SAÚDE A EX-RAINHA DE PORTUGAL, SR.ª D. AMÉLIA DE ORLEANS E BRAGANÇA, REGRESSA À TERRA DE SEUS FILHOS E ESPÓSO, PARA AQUECER A ALMA NAS LEMBRANÇAS DO PASSADO.

ANO IV-N.º 210

24 DE MAIO DE 1945

PREÇO AVULSO 1580

¡Nervosos!; Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produziram um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo.



Os ruídos, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados.



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência.



As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso provocando insónia.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.



Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



Os desgostos familiares são muitas vezes resultantes do desequilíbrio dos nervos.



A enfermidade, o cansaço ou o abatimento podem vencer-se alimentando intensamente o sistema nervoso.



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos.



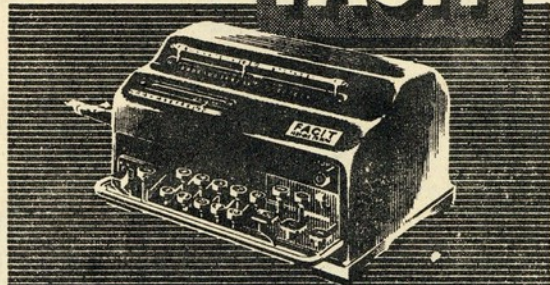
Quem tem sido forte não pode nem deve condonar os seus músculos a uma permanente inactividade.



De nada serve tomar comprimidos!

As suas dores de cabeça provêm-lhe do esforço que fez a calcular mentalmente! Entregue esse trabalho à

FACIT



A MÁQUINA QUE CALCULA RÁPIDO E CERTO
MANUAL E ELÉCTRICA. 49 MODELOS

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, LDA.

LISBOA - RUA DA PRATA, 145 - TEL. 2 5281 E 2 2102
PORTO - RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - TEL. 1 248



UM LINDO SONHO DE MULHER...



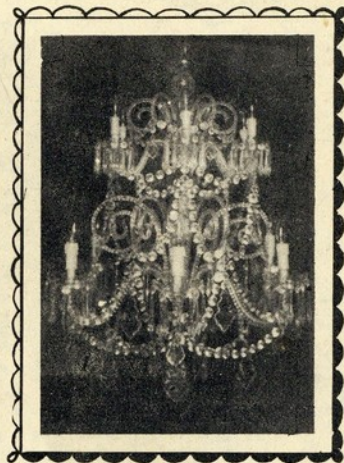
...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TEL. 2 4948

* LUSTRES *



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-JOURS * CANDELABROS * CANDIEIROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



Na Casa de João de Deus — no Museu que traz o seu nome e onde se veneram os versos, as palavras e as idéias do poeta — continuou, no penúltimo sábado, o ciclo de conferências, para exaltação dos valores poéticos contemporâneos. Esta última conferência — e outra se lhe seguirá, segundo supomos — foi feita por outro poeta, espírito crítico e alta figura entre os melhores nomes da nossa literatura: João de Barros, que escolheu para motivo da sua conferência o poeta Eugénio de Castro. As suas palavras, saborosas de espírito crítico e interpretativo, juntaram-se os versos do próprio poeta evocado, através dos lábios da sr.^a D. Maria Luísa Moustier e do actor Luís Filipe, que recitaram poemas do autor de «Belkiss».

Na foto, ao lado do Dr. João de Deus Ramos, que é o primeiro à direita, está o ilustre conferencista, que foi muito aplaudido — o dr. Jaime Lopes Dias que apresentou, com palavras de inextinguível e justo elogio, o dr. João de Barros, e, ainda, à esquerda, o actor Luís Filipe, que ouviu também justos aplausos.

MUSSOLINI E RIENZI

Há quem diga que a história é sempre uma inovação, não uma repetição. Decerto que as bases morais, religiosas, intelectuais, políticas, económicas em que assenta o mundo diferem de época para época. Mas a alma humana, que é o que principalmente movimenta a história, é sempre a mesma. Ambições, sentimentos exacerbados, ideologias, patriotismos, sempre existiram. Homens refrêntes, nações que previam até onde podiam ir, homens insofridos, nações que mal saídas do berço se embriagavam com sonhos de grandeza, tudo isso vem nos livros, antigos e modernos. De modo que ao observador sagaz não é difícil fazer paralelismos históricos. Comparar uma época com outra, pôr um personagem, passado em frente dum presente. Se isto se não pudesse fazer, a história seria apenas uma narração de factos, hirtos, sécos, e não um manancial de filosofia onde há muito que aprender.

Já houve quem aproximasse Hitler de Frederico II e de Bismark. Não creio que haja analogia possível. Tudo os separa. O nascimento, a educação, o tato político e o mais. O mesmo não poderemos dizer ao comparar Mussolini com Rienzi.

Mussolini foi um actor do século XX. Rienzi foi personagem do século XIV. Seis séculos os separaram, mas há contrastes flagrantes entre o seu ambiente, o seu temperamento e até, por desgraça, entre o fim trágico que tiveram.

A Itália desse tempo era retalhada por várias soberanias. A mais importante, porém, a de Roma achava-se em estado de anarquia, de dissolução, como o reino de Vitor Manuel. O papa havia abandonado a Cidade Eterna. Estabeleceu-se em Avinhão. Os Estados da Igreja eram pasto de facções rivais, não havendo segurança nem para o comércio nem para a indústria, nem sequer para a honra das famílias.

Surge nesta ocasião Nicola de Rienzi, como mais tarde em estado semelhante surgiu Benito Mussolini. Não era nobre, filho dum estalajadeiro — Mussolini era filho dum ferreiro — mas era culto, patriota e eloquente. Conspira, movimenta o povo, arranja uma milícia e apodera-se do mando. Arvorase em ditador incontestado de Roma, com a designação de tribuno.

Tudo lhe obedece. Os Estados vizinhos acatam-no. Os plebeus aclamam-no. Os nobres submetem-se-lhe. O Papa confirma-o. A rainha de Nápoles e o rei da Hungria apelam para a sua decisão, como a Áustria apela para Mussolini. Para lá dos Alpes, a revolução rienzista era objecto de curiosidade, de admiração, de aplauso. Petrarca, então patriarca das letras, protestava-lhe todas as homenagens.

É bem as merecia, o tribuno. Porque restabeleceu a ordem, promulgou leis salutaras, garantiu o livre funcionamento de todas as actividades úteis e não só por isso, como por uma milícia permanente, como o fascismo, firmou o seu poder. Em resultado disto tudo renasceu, a par, a abundância e a prosperidade.

Tudo isto fôra rápido como num canto de fadas. Em Maio de 1347, assumiu a soberania de Roma. Pois em Junho do mesmo ano já decretava a soberania do povo romano sobre o império, depois de ter recebido de todas as partes de Itália adesões à sua idéa de restaurar a autoridade de Roma sobre todo o território da península.

(Continua na pág. 18)

UM DRAMA SEM CONSEQUÊNCIAS

Intem o drama «Justiça Infalível», interpretado por meia dúzia de rapazes alegres, na Sociedade do meu bairro. Posso desde já garantir que me emocionam, sobremodo, estas manifestações recreativas numa época em que cada um procura divertir-se, o melhor que pode, à custa alheia — sem desejar distrair os outros.

Sem dúvida, dos grupos dramáticos das sociedades saíram já elementos de valor — e ninguém esquece que Adelina foi amadora, representou no Belém-Clube — e, mais recentemente, que Laura Alves, a azougada vedeta do nosso palco, disse as primeiras rúbulas em minúsculos palcos particulares.

Há, porém, uma coisa que perde estes amadores: não gostarem de começar pelo princípio. E, então, é vê-los, atrevidos e audaciosos, com o Molière às voltas e o Shakespeare de rastros, engolirem calhambo de papel para aterrorizar a pobre platéia enfastiada. Ora, isto nada representa como finalidade recreativa ou cultural, como muito erradamente alguns supõem. Está o caso deste drama complicadíssimo, cheio de situações aterrorizantes, onde aparecem ciprestes, o leite do hospital, três homens que morrem em cena, esfaqueados, cheios de zarcão, a clamar vingança. A pobre e desventurada Belmira endoicece, na força dos vinte anos, para, mais tarde, no quinto acto, na preocupação do «bem acabadinho», recuperar a luz do cérebro incandescido e casar com um dos mortos — que, felizmente, não morrera.

A platéia ouve, emocionada, aquêl pêsso de fatalismo esmagador, subjugando as almas.

Os homens, no intervalo, vão ao bufete — e refrescam-se. Depois, recomeça o espectáculo, no mesmo ambiente dolorosamente pesado.

As marcações são esquecidas — e daí a pouco, o que representava uma varanda dum alto terceiro andar é escalado, ligeiramente, pelo personagem — como se fôsse a porta — de luva branca e botteira florida. A peça decorre no século XIX, e qualquer cavalheiro, sem mais esta nem aquela, esquecendo-se que só existia a «pederneira e a isca», acende um belo «três vintes» com um bellissimo isqueiro americano.

Depois, cada um espera, da boca salvadora do ponto, a continuação da «deixa». E, assim, durante cinco horas — isto é, das dez às três da madrugada, o dramalhão vai rolando nos velhíssimos cenários, remendados e untados de massa de sa-

pateiro. Cada acto é uma saraivada de palmas e, no fim, chama-se o autor — que, coitado, se é o Shakespeare, envergonhado não quere aparecer — e o ensalador, rapaz modesto, arrancado do fundo dos bastidores por mãos amigas. Enfim, depois de tanta arte, começa o baile, que vem alegrar tudo. Os morticínios, os fúnebres ais, o fatalismo são sacudidos, vorazmente, pelo remexido «swing», que entontece. E, enquanto se vendem, com certa graça do pregoeiro, rifas dum gordo coelho — um rapazinho de casaca muito comprida vai escondendo ovos num saco.

E no meio duma grande alegria, já com os primeiros alvôres da madrugada, a récita acaba de vez — e o baile termina com estronosas palmas.

Raparigas e rapazes, aos pares, muito agarradinhos, segredam o que a mocidade e o amor sabem dizer. Do drama, há apenas uma visão distante, esfumada e negra que devia «higiénicamente» ser tirada da vida — uma vez que a existência tantas neग्रuras e pesadelos apresenta.

MANUEL MARTINHO



Aspecto da recepção que o sr. ministro da Noruega deu à colónia residente em Lisboa, por motivo da celebração da festa nacional norueguesa.

FITAS FALADAS

“A NOIVA DO BRASIL”

«**N**ÃO estou satisfeito com o que fiz, conscio de que poderia e desajava fazer melhor». Esta declaração de Santos Mendes, em entrevista concedida a um jornal da tarde, diz-nos que o realizador de «A Noiva do Brasil» não se deixou encandear pela sua obra e, muito pelo contrário, foi o primeiro a notar os defeitos que a prejudicam, e de que espera «penitências» no filme que projecta.

Santos Mendes veio do jornalismo cinematográfico para o estúdio. Antes de ser realizador não passou por nenhum cargo subalterno. Daí, ter lutado com as dificuldades inerentes ao desconhecimento dos aspectos práticos da técnica cinematográfica. Em cinema, a bagagem teórica é insuficiente, por muito longe que se leve o estudo e a meditação dos problemas que a realização dum filme comporta. Não temos dúvida, por isso, que na próxima fita Santos Mendes ultrapassará a medida que agora nos deu, pois a experiência, mestra do Cinema, há-de reflectir-se benéficamente no resultado dos seus futuros trabalhos. Pena é, entretanto, que estes vós não possam ser ensaiados em menor escala, que aqueles que pretendam lançar-se, como realizadores, não pratiquem, previamente, no «plateau», junto de cineastas mais experientes. Essa aprendizagem seria extraordinariamente vantajosa e dela todos tirariam honras e proveito.

Não dizemos isto apenas com o pensamento em Santos Mendes, porque gostaríamos de ver a prática generalizada. O conhecimento da técnica e a aplicação dos princípios que a regem, só no estúdio pode adquirir-se. E muito se enganará quem supuser o contrário.

Santos Mendes foi buscar para a sua estreia, como realizador, um argumento erigido de dificuldades, com um «clou» que daria que pensar aos técnicos da Cineclândia, se o problema lhe fôsse proposto: a explosão e o naufrágio de um navio de passageiros. Como se não bastasse, meteu na sua história um «garden-party» nos jardins da alta sociedade do Rio de Janeiro, a festa da passagem do Equador, uma perseguição de automóveis, etc. Tudo isto no propósito louvável de fazer com que a «Noiva do Brasil» saísse dos «moldes da maioria das películas nacionais». Esqueceu-se Santos Mendes de que o seu filme ia cair, implicitamente, nos domínios da comédia policial americana, com todos os perigos que o inevitável cotejo comporta. E, deste modo, muitas cenas resultaram apocadas justamente por termos presente o padrão de Hollywood, onde tais situações, mesmo em filmes de quinta ordem, têm uma execução e uma verdade que «convencem». No entanto, não era difícil dar um cunho diferente à comédia policial, até com as sugestões que nela se contém. Bastava que o Oscar de Lemos e o Barroso Lopes, tal como na parte final da película, fossem os «detectives» involuntários...

Santos Mendes parece ter caprichado em arranjar «bicos de obra» para o seu filme. Com efeito, a ideia de localizar cinquenta por cento da acção num grande barco de passageiros, traz consigo problemas complicadíssimos. O ambiente de bordo é sempre difícil de sugerir, com realismo. E foi justamente essa dificuldade, brilhante e primorosamente vencida, que fez de «O Último Encontro» (Till we meet again) uma fita de grande categoria. Para fugir aos aspectos em que o mar era fundo indispensável, Santos Mendes localizou na noite todas as cenas que se desenrolam nos «decks». Não percebemos porque não utilizou, nessas passagens a «transparência» (de que se serviu, aliás, com inteligência, na perseguição de automóveis), pois de dia ou de noite, além de criar o ambiente, haveria tirado belos efeitos das personagens encostadas à amurada, tendo por fundo o Oceano infinito, com as estrelas luminosas do sol ou do luar. Serão «lugares comuns» do cinema, mas preferíveis aos fundos negros e impenetráveis, sobre os quais se recortam as personagens.

Daqui se conclue que Santos Mendes escolheu o caminho mais difícil. E, caso curioso, não são algumas destas cenas — como certos aspectos do naufrágio e da perseguição — as menos meritórias. No entanto, parece-me importante frisar que a escolha dos temas dos filmes deve obedecer a duas determinantes fundamentais: análise atenta das possibilidades dos técnicos e da indústria; e vantagem de não invadir certos domínios que têm sido exclusivo da cinematografia americana, a fim de evitar confrontos que não nos podem favorecer.

E estas são as duas conclusões mais importantes que podem tirar-se da «Noiva do Brasil», cuja apreciação em pormenor já foi feita pela Imprensa diária.

FERNANDO FRAGOSO



SABU

FOI CONDECO-
RADO PELO SEU
HEROÍSMO EM
COMBATE

«Liberator» regressava à base, quando avistou, nas águas de Bornéu, um «combóio» japonês. A oportunidade era magnífica. Mas as probabilidades não pareciam muito favoráveis. O «combóio» vinha poderosamente escoltado. No entanto, a tripulação resolveu atacar. Cairam as primeiras bombas. E a resposta não se fez esperar. Os «zeros» levantavam vôo para dar caça ao bombardeiro. Luta desigual! Quatro aviões rondavam o «Liberator». O fogo deste, porém, era certeiro. Um a um, os caças caíram... O quarto deu meia volta... A enorme aeronave pôde seguir o seu destino. Lá em baixo, ficaram três barcos a arder...

O metralhador da cauda, sózinho, abatera os três «zeros», que tombaram em chamas. O seu feito foi premiado com a «Distinguished Flying Cross». E o sargento Sabu Dastagir pôde averbar na sua fôlha de serviços mais uma condecoração...

O público dos cinemas conhece-o e admira-o, desde que o viu no «Rapaz do Elefante», na «Revolta da Índia», no «Ladrão de Bagdad» e em tantos outros filmes.

Sabu espera, agora, o termo da guerra no Pacífico para regressar aos estúdios.



CUPIDO EM UNIFORME...

BODAS em Hollywood! De há algum tempo para cá, replicam os sinos das capelinhas de Hollywood, e os noivos apresentam-se, invariavelmente, da seguinte forma: ela, de branco; ele, fardado. O traje das noivas varia apenas ligeiramente. Mas ele, ora se apresenta com vistosa farda de oficial, ora exhibe com orgulho a blusa de marujo ou o «dolman» dos fusilheiros de marinha.

Agora, coube a vez a Dorothy Morris — lembram-se de «Sete Namoradas»? — que subiu os degraus do altar com o tenente-aviador Marvin Moffle. Iam ambos felizes e enquanto a vida os não separa — ela para os estúdios, ele para o Pacífico — gozar as delícias da lua de mel na doce e perfumada Califórnia. Por detrás deles, ardem velas brancas, como um «facho de esperança» — e de Felicidade.

JOAN BENNETT

A BELA DE HOLLYWOOD

PASSA por ser uma das mais lindas mulheres de Hollywood. Como actriz tem toda uma carreira a documentar o seu talento. No entanto, a crítica é unânime em afirmar que nunca nos apareceu tão bela como no novo filme de Fritz Lang «The Woman in the Window», onde tem a sua melhor criação, ao lado de Edward G. Robinson.

Este filme tem a seguinte particularidade: a história é de tal forma arquitetada que, a cinco minutos do fim, ninguém poderá prever o desfecho. Fritz Lang chamou os quinze melhores autores policiais da América e pôs-lhe o problema, suspendendo a exibição do filme no meio da última parte. Pois nem um só conseguiu encontrar a solução conveniente.



CLARK GABLE E DEANNA DURBIN AS DUAS GRANDES "INTERROGAÇÕES SENTIMENTAIS" DE HOLLYWOOD

VÃO CASAR-SE OUTRA VEZ?

CLARK Gable e Deanna Durbin são as duas «grandes interrogações sentimentais» de Hollywood. Clark Gable, como todos sabem, enviou pouco mais de dois anos. Era casado com Carole Lombard, quando esta sucumbiu em trágico acidente de aviação. A América chorou a morte da loira estrela, tanto mais que dera a vida pela Pátria, no regresso da triunfante campanha que empreendera para a venda dos «war-bonds». Clark Gable, louco de dor e desespero, abandonou os Estados Unidos para se alistar como metralhador no Corpo Aéreo americano, que, de Londres, cooperava na cruenta batalha da Europa. Durante meses e meses, o famoso galã prestou serviços nessa qualidade. Foi condecorado pelo seu exemplar comportamento em combate, e regressou há pouco a Hollywood com alguns milhares de metros de imagens colhidas sobre os teatros de guerra europeus.

Clark Gable encontrou então, Anita Colby, «modelo»



A MELHOR ACTRIZ INFANTIL DO ANO

LEMBRAM-SE dela em «Refugiados»? Era um filme sobre o «blitz», baseado no emotivo relato de William L. White, «Journey for Margaret». A pequenina vedeta personificava as crianças mártires de Londres, sem pais, sem lares, sem alegria — sofrendo os horrores da mais impiedosa guerra que jamais se abateu sobre a Humanidade. A sua face, emoldurada por um carapuzo em bico, reflectia o espanto e o terror. A tiracolo, uma pequena bomba de magnésio, recordação do «raid» que lhe tocará mais de perto.

Depois, outros filmes vieram. E Margaret O'Brien cotou-se como grande vedeta. «Meet me in Saint Louis» e «Music for millions» — inéditos ainda em Lisboa — elevaram-na a tal ponto, que a Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas criou para ela, este ano, um troféu especial, destinado a galardoar «a melhor actriz infantil do ano». Margaret O'Brien conquistou um título de que até hoje nenhuma vedeta de palmo e meio se pôde orgulhar.

1

Anita Colby diz qualquer coisa a Clark Gable, que o parece interessar profundamente... Serão projectos para o futuro?...

2

Dianna Durbin vai tentar, ao que se diz, nova experiência matrimonial. O noivo é o homem que está a seu lado: Félix Jackson, produtor e argumentista.



PLANOS DE MONTAGEM

* Nos estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes, começou já a construção de cenários para o novo filme «Ladrão, precisa-se...», de Jorge Brum do Canto.

* Para os principais papéis femininos indigam-se as vedetas Leonor Maia, a «Tatão», e Maria da Graça, a voz de ouro da Rádio.

* Pedro Moutinho, a «bomba-voadora» das emissões de Optimismo, interpretará, no mesmo filme, o papel de um «menino bem», que carrega nos RR.

* António Palma ensaiará os intérpretes de «Ladrão, precisa-se...». E actuará ainda como actor.

* Os cenários são da autoria de Lucien Donnât e Mário Costa.

* Prosseguem os trabalhos preliminares para o filme «O Trinco-fortes», de Leitão de Barros. As filmagens devem começar no início do próximo mês.

* Raúl Faria da Fonseca procura uma rapariga para vedeta do seu primeiro filme de acção «Três Dias sem Deus».

* Terminaram em Espanha as tomadas de vista de «O Diabo são Elas».

* Barreto Poetra assinou, ao que se diz, um contrato para interpretar, em Madrid, um novo filme.



A MODA EM HOLLYWOOD

Uma linda «toilette» de Verão, apresentada por Maria Montez. A saia é muito simples, e no modelo original é verde acinzentada, num tom escuro. O casaco, de flanela branca, impõe-se pela elegância das suas linhas e pela originalidade do corte. As algebras nascem nos ombros e desenharam-se e afirmam-se no lugar próprio.

Damos este modelo às nossas leitoras, com a certeza de que lhe prestamos um bom serviço.

PERANTE O INSUCESSO DO CERTAME DAS BELAS ARTES, FOMOS P R E G U N T A R : — POR QUE NÃO EXPÔS NO ÚLTIMO SALÃO DE PRIMAVERA?

E RESPONDERAM

DIOGO DE MACEDO
CARLOS BOTELHO
ALDA MACHADO
FERNANDO SANTOS
FREDERICO GEORGE
CANTO DA MAYA
PORTELA JUNIOR
JOSE FARINHA

S

UANDO surgiu a Idéia d'este inquérito pensamos que, pela qualidade e quantidade de nomes ausentes — hoje e há muito — da Sociedade de Belas Artes, e por nós convidados a expor causas e razões públicas, tudo se conjugaria para que, de facto, este inquérito constituísse um expoente volumoso de opiniões.

Estamos habituados a ouvir, à roda das mesas de café, muitos desses artistas que se negaram, afinal, a dar a razão da sua ausência, falar com desassombro que, parecia-nos, ao ser publicamente expresso, muito contribuiria para esclarecer pontos de vista e destruir certos conceitos políticos de arte. Simplesmente, o nosso melo enferma de certo mau-estar geral, certos preceitos lastimosos de crítica, sem outro objectivo que não seja destruir.

Em lugar de princípios construtivos, de uma intenção de reformar o que está deformado — o homem da profissão limita-se a dizer mal em toda a parte. Aspira ao sublime e tolera o mediocre, pela sua própria inércia.

Porque não se expõem publicamente as razões de uma ausência que tenha a virtude de ser sincera e independente? Contra certos centros artísticos fala-se muito da política e das amoralidades artísticas lá semeadas. Há campanhas de «café» terríveis, há um propósito de não querer acompanhar quem comanda esses mesmos centros de arte. E dão-se cisões, e as iniciativas desses grêmios passam a não exprimir o verdadeiro expoente da arte nacional...

Salvo melhor opinião — e nós não queremos: emiscuir-nos nos factos — o papel impresso é ainda umadas formas de contribuir para expurgar tumores e pedir a intervenção cirúrgica. E, se é certo que não nos move nenhuma razão partidária em relação às pessoas — a verdade é que somos sincera e devotadamente pelas artes. E é por isso que não compreendemos as razões porque um organismo nacional de arte não admite nos seus certames todas as correntes artísticas, reservando-se a opinião de que, em arte, só não é transitória a péra, a abóbora, a maçã e o vasilho dos mangericos...

Depois, há política de pessoas, como há política de arte? Nesse caso, por que não há-de expurgar-se esses quistos, em benefício de um conceito geral de arte?

Um centro de cultura artística não pode, em caso algum, constituir um centro de interesses, de vaidades pessoais: tem uma missão mais alta, que para acima do tempo e que não pode sujeitar-se aos percalços do espaço...

E aqui estão as razões porque fomos perguntar a muitos o que só alguns nos responderam: — Porque não expôs no último Salão de Primavera da Sociedade Nacional de Belas Artes?

Algumas dessas respostas são expressivas. Outras, naturalmente, revelam, com subtilza, uma causa que todos admittam. E há ainda outras que, no conciso das suas palavras, podem muito bem interpretar-se como o fundamento de um absoluto corte de relações.

Não pomos adjectivos, não fazemos comentários, não damos opiniões: limitamo-nos a registar as alheias, em presença de um facto público: o Salão de Belas Artes deixou de representar a expressão, o movimento e a realidade das nossas correntes artísticas.

Seguem-se as respostas — e lamentamos que aqui faltem muitas...

M. A.

— Porque há muitos anos que não exponho em Salão nenhum, nem tenciono fazê-lo.

Diogo de Macedo

— Porque nunca expus na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

A minha bandeira é inimiga da bandeira dessa Sociedade, representante de um academismo que é, afinal, a tradição de uma Arte convencional que nunca foi do seu tempo.

Carlos Botelho

— Porque na altura em que deviam ser entregues os trabalhos para a exposição... tínhamos uma exposição aberta no Porto.

*Alda Machado Santos
Janaína Santos*

— Não expus no Salão da Primavera da Sociedade Nacional de Belas-Artes porque não está ainda provado que tivesse desaparecido dessa Sociedade certo espírito tendencioso manifestado numas conferências aí realizadas há uns anos por um dos seus directores.

Fredrico George

— Porque as exposições anteriores me deram sempre uma impressão da «Feira da Ladra» ou armazém de antiguidades que me era desagradável. Contudo, nesta última exposição os trabalhos estão dispostos de acôrdo com o gosto dos nossos dias. Dos júris que presidiram às exposições quando expunha, só lhes devi atenções, pelo que lhes sou muito grato. O salão das Belas-Artes não constitue uma manifestação de alto valor artístico devido a serem admitidos nos júris alguns

artistas que não têm uma cultura e visão do que é o movimento artístico na Europa, facilitando, desta forma, a entrada nos salões de pessoas que não têm categoria suficiente.

Carlo da Gama

— Toda a gente da S.N.B.A. me tem tratado sempre bem, graças a Deus. Até o Vicente, aquêl antigo general vienense, ao receber os meus quadros para as exposições anuais, me animava sempre: «Isto este ano está muito apertado, mas pode ser que os seus quadros entrem!».

Foram fazendo o favor de os deixar «entrar», mas a certa altura entendi que já estava a abusar aceitando tanto favor, e resolvi descançar um pouco, não expondo. Eis o motivo porque não concorri às últimas exposições anuais.

Mas cá para mim tenho que o simpático Vicente ao arrumar os quadros das exposições, há-de dizer entre si: «Nunca tantos pintaram tão pouco; não fazes cá falta nenhuma».

Portela Junior

— Não expus no último «Salão da Primavera» porque nem todos os trabalhos que fazemos têm as condições necessárias para figurar numa exposição colectiva; para isso devem ser, quanto possível, uma síntese das nossas qualidades ou aptidões.

Como presentemente me ocupo de alguns trabalhos que me foram encomendados e não disponho de tempo para me dedicar a outros destinados a enviar a exposições colectivas, resolvi reservar aquêles que possuo para uma exposição que um grupo, de que faço parte — Grupo de Artistas Portugueses — deye realizar em Junho d'este ano.

Jose Farinha

DA ALTA

PARA A BAIXA

11 ANOS DE VIDA AIRADA DA "REPÚBLICA B A C O"

Pelo que a foto mostra, os cidadãos de «Baco» juntaram bem para festejar o 11.º aniversário da sua «República»...

ESTA juventude de Coimbra é simplesmente admirável. Não há guerras, nem dificuldades que a verguem. De coração ao alto, entregue a um destino ainda mais alto, a capa e batina é uma legenda eterna; na irreverência, no romantismo e na mocidade.

As «Repúblicas» coimbrãs são ainda hoje um forte manancial de optimismo e da boa graça portuguesa. Não perderam nada do seu pitoresco e da sua tradição. Como há 20, 30 anos, elas são ainda o ambiente acolhedor da velha capa e batina, de espíritos moços a gritar rebeldia e aquele inconformismo tão tradicional dos estudantes de Coimbra.

Tudo poderá ser destruído nesta terra de tons medievais; tudo pode ser varrido por um progresso que às vezes ninguém entende; porém, ficará sempre de pé e firme, esta juventude que não conhece tristezas nem abalos do coração... Deixem-na, pois, passar no seu caminho triunfal, nesse caminho feito de sangue novo e de alma ardente.

* * *

Há dias, a «Real República Bacos», que tem os seus Paços na rua do Forno, festejou solenemente o 11.º aniversário da sua fundação. Meteu festa rija, como mandam os estatutos da «República». Preside aos «Bacos» o quartanista de Medicina Xavier de Sá, rapaz desempoirado e sempre pronto a resolver dificuldades...

O racionamento veio, sem dúvida, afectar a vida das «Repúblicas» coimbrãs... Como outrora a «lebre» criou cabelos brancos a outras gerações que a viveram a cantar o fado e a segredar palavras de ternura às tricanas amorosas desse tempo.

Há, porém, que distinguir entre a «lebre» de então e o racionamento de agora.

A «lebre» — aquela «lebre» do saúdoso Pad'Zé — era a falta pura e simples nas «Repúblicas» de qualquer mastigação para as vísceras... Havia que procurar «refúgio» em outras casas. Essá falta era filha de duas fatais consciências: a falta de dinheiro e de crédito... Sobretudo do crédito... Era um destino romântico... o dessas gerações...

O racionamento de hoje, é outra coisa. É imposto pelas circunstâncias, não da falta de dinheiro ou de crédito, mas pelas circunstâncias — repetimos. Os rapazes de hoje andam a «lebre» junto da Comissão Reguladora do Comércio. Os de ontem andavam pela estrada da Beira a ver das capoeiras, e por Santo António dos Olivais a «verificar» dos campos férteis de batatas...

A última festa dos «Bacos» não sofreu, porém, a influência da «lebre» ou do racionamento.

Quando bateram as 20 horas previstas para se iniciar o banquete nos «Reais Paços», tudo havia naquela mesa... Galinha de parte incerta... batatas do «cardanho»... cabrito «picado»... grelos «desauferidos»... manteiga, viste-la, e muitos outros mantimentos de luxo que para ali foram transportados por mãos generosas sob o comando superior de Xavier de Sá.

Os vinhos eram quasi todos poéticos... e cada garrafa representava uma grande locubração do vate da «República» a pedir os ditos às várias casas da especialidade...

O banquete foi cheio de substância: na assimilação da mesma e nos discursos de exaltação aos «Bacos».

Convidado de honra o dr. Fernandes Martins, eterno estudante desta terra ribeirinha, alma aberta às grandes causas da capa e batina. Da sua voz maguada e triste, na recordação dos seus já longínquos tempos dos bancos universitários, safu um hino às tradições académicas, que nesse momento, se mantinham com o mesmo fogo sagrado naquela «República».

O destino destas festas é sempre o mesmo: às tantas da madrugada a Sé-Velha. E foi ali, encostados àquelas pedras morenas a falarem de séculos e de glórias, que os rapazes da «Baco» acabaram os festejos do 11.º aniversário da sua casa. E era a voz dum fado a falar-nos desse fim.

A generosa juventude de Coimbra é assim: pode gritar rebeldia, mas acaba sempre nesta linda e enternecedora palavra portuguesa que em Coimbra tem a sua maior expressão: Saúde.

CARMINE NOBRE



Estes são os reais paços da «República de Baco»

MAIS UM PRÍNCIPE PORTUGUÊS NASCIDO NO EXÍLIO

NO dia 16, nasceu na Suíça um príncipe de sangue português, banido de Portugal: é o bisneto de um rei usurpador e absoluto, Miguel de nome, que tão negras sombras lançou nas últimas páginas da História de Portugal. O neto chama-se D. Duarte Nuno e é casado com a princesa D. Maria Francisca de Orléans e Bragança, que pôde agora dar-lhe um pequenino descendente. O enxoval do bambino, pedacinho de carne còr-de-rosa, mereceu das senhoras da aristocracia portuguesa um cuidado excepcional: rendas, bordados, finas cambralias de linho e sédas naturais foram escolhidas e depois confeccionadas pelas mestras e alunas de recolhimentos e casas de protecção portuguesas. Desde a coroa pequenina, da casa de Bragança, a que reinou de facto, às flores minúsculas tecidas em ponto cheio, tudo é esmero e subtil enlévo.

Com o enxoval — dúzias de peças que custaram contos de réis — seguiu de avião, e pela mão de um diplomata brasileiro, água de Fátima e um pedaço de terra portuguesa, guardada em caixa de prata tóda lavrada com motivos históricos e heráldicos, para que o bambino tivesse, ao nascer, perto do berço, a terra onde nasceram seus bisavós.

Na foto, vemos o príncipe D. Duarte Nuno, perto da sua residência, em Gunten, e, em cima, a princesa sua esposa.



CALÇADA DA GLÓRIA



PELA POESIA!

Adelino Mendes — grande jornalista em qualquer parte do mundo — realizou, há tempos, na Casa de Leiria, uma conferência em que traçou, com a inteligência e com o coração, o perfil de Acácio de Paiva. Dessa conferência magnífica — sem favor o digo — permito-me destacar este trecho: «Os maiores monumentos da Humanidade, foi a poesia que os criou. Só as catedrais construídas com versos são eternas». E isto mesmo. Nesta época de dura prosa que o mundo atravessa, meditemos sobre estas palavras e procuremos, fitos nelas, restaurar todos os monumentos destruídos pela desilusão ou pela maldade, erguendo-os mais ainda do que, pedra a pedra — verso a verso!



MOEDAS

Alves dos Reis safu, há pouco, da Penitenciária, onde cumpriu a pena de prisão maior celular como principal autor do chamado crime do «Ángola e Metrópole». Alves dos Reis pagou, segundo a lei, a sua dívida para com a sociedade. Neste momento está quite com ela. Recuperou a liberdade. Esperamos que faça dessa bela dádiva do Criador um uso perfeitamente legítimo. Agora um episódio que não deixa de ter a sua graça. Quando se não falava em Lisboa senão de Alves dos Reis e do «Ángola e Metrópole», um dos nossos mais ilustres advogados (que, aliás, interveio no processo), entrou, certa tarde, num bric-à-brac para comprar um móvel que lhe interessava.

— Quanto custa? — pergunto.
— Seiscentos mil réis! — respondeu o antiquário.
— Perdão... — corrigiu o advogado sorrindo — seiscentos mil Alves dos Reis! A moeda corrente agora é esta.



ALTA NA BAIXA

Augusto da Costa andava uma tarde destas na rua do Ouro, de lápis e de «block-notes» em punho com o ar de quem toma apontamentos.

Algum novo estudo acerca dos «galos doidos»? — perguntámos-lhe.

— Eu agora dedico-me a outra zoologia... — respondeu-nos.

— Mas aqui na rua do Ouro?
— Sim, por toda a Baixa. Porque a zoologia a que eu me dedico agora é a chamada «alta zoologia».

— O que é isso de «alta zoologia»?
— É o estudo das mulheres!

A PROPÓSITO DE LIVROS



Safu a «Nossa Lisboa», sugestivo volume de crónicas sobre a cidade do Tejo escrito por Gustavo de Matos Sequeira e Luís Pastor de Macedo. Uma objecção apenas ao título: «Nossa Lisboa»? Mas como é que Sua Ex.ª a adquiriram?

* Redondo Júnior publicou «O Atrevido», a discutidíssima comédia com que se estreou, há um ano, como autor, no Avenida. A peça não lhe faltam audácia e curiosidade. Não foi um êxito de bilheteira? Paciência. Que culpa temos nós que o mundo seja «bicudo» e não «redondo»!

* João Amaral Júnior tem o condão de publicar dois romances por dia. E o caso é que se lêem com interesse. Agora deu-nos a «Rua do Destino» — uma rua larga, moderna, onde passa toda a gente, mesmo que não queira. Amaral Júnior podia ter-lhe chamado Avenida, Avenida do Destino...

CERTAS CONFERENCIAS



Certo catedrático realizou, há pouco, uma conferência — que não primou pelo interesse. Pastoso, maçudo, tendo desperdiçado um magnífico assunto, a assistência, a breve trecho, mostrava evidentes sinais de fadiga. Em determinada altura chegou, vermelho, ofegante, um dos nossos mais vivos caricaturistas

e, como visse uma pessoa sua conhecida, exclamou:

— Venho atrasadíssimo. A conferência deve estar a acabar...
— Resposta do amigo, abrindo a boca de sono:
— Você chegou cedíssimo. O conferencista ainda não acabou!

UM ALTO CORAÇÃO

Sousa Costa foi, há tempos, fazer uma conferência a Coimbra. Quando terminou os aplausos ressoaram pela sala e, no meio desses aplausos, ouviu-se a voz forte de Elisio de Moura gritar, num esplendor de apoteose:

— Tragam-me uma escada, que quero abraçar este homem!

Esta frase define — e de que maneira — não apenas a estatura física do escritor, mas a sincera admiração que a sua sensibilidade e a sua obra despertam naqueles, e não são poucos, que a conhecem. Como pessoa é uma pessoa afectuosa e simples e, por consequência, encantadora no seu convívio; como escritor os seus livros — quasi uma biblioteca — falarão por mim. Além disso, é magistrado; é «o sr. dr. delegado»; mas ele não gosta que lho digam em público, não vá isso ser desagradável aos que hão-de cair na sua alçada... A sua pena é de águia, mas o seu coração é de pomba. Conta-se que, uma vez, Sousa Costa, querendo estudar *in loco* a vida na Penitenciária, foi pedir ao director que o deixasse ficar uma noite numa cela.

— Deixo! — respondeu o director — Mas é preciso que você mate um homem!

Sousa Costa deitou a fugir, e só para não matar um homem — essa insignificância — ainda não nos deu um estudo acerca da Penitenciária! Generoso coração!



HIGIENE

Um grande historiador descobriu, há pouco, num valioso documento de certo arquivo, que Diana

— a linda e célebre Diana caçadora — durante vinte anos da sua existência não tomara banho — senão duas vezes. Não nos compete, neste momento, discutir este facto, nem as consequências que porventura dele tenham resultado para a glória mitológica. Desejamos apenas chamar a atenção dos nossos leitores e das nossas leitoras para os progressos incontestáveis que, em matéria de higiene masculina é, sobretudo feminina, se têm, na verdade, feito no mundo. Contava Maurice Donnay, recordando os costumes dos começos do século XIX, que certa marquesa exclamara, uma tarde, numa roda elegante da época:

— O dia da semana que mais detesto é o sábado porque é o dia em que tenho de lavar os pés!

Estas coisas ainda se diziam há pouco mais dum século. Hoje já não se dizem — mas ainda há quem as faça. Em todo o caso, em muito menor número, e,

além disso, êsse número limitado a certas classes sociais ou, melhor, anti-sociais. Diana, se vivesse agora, tomaria banho senão todos os dias — pelo menos duas vezes por semana. Dizia o velho Angeça que de tomar banho tinha morrido muita gente, e que, de porcaria, não lhe constava que alguém tivesse morrido. A verdade é que o banho é agradável, útil e limpo. E porque assim é, gritemos de dentro da tina:

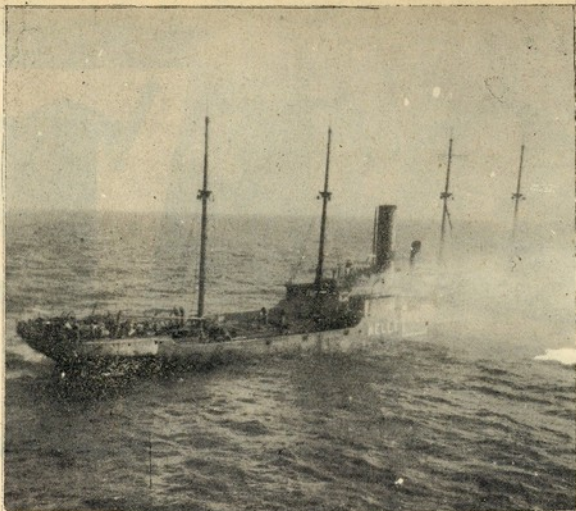
— Viva o banho! Abaixo a banha!



CARICATURA DE S. ANTONIA

BORGES VINHETAS DE BORGES

Quando o "MELLO" ARDIA EM PLENO OCEANO



Impelidas pelo vento, as chamas do «Melo» parecem menos densas...

AS CALDEIRAS VÃO REBENTAR!

♦ Por JOÃO FALCATO

1.º Capítulo — A Tragédia

II

ASSIM SE MORRE...

O capitão põe o leme todo a estibordo. Agora, o «Melo» gasta o vapor das caldeiras descrevendo círculos nas águas que as chamas enchem de mil cores. O barco já não avança, gira sobre si mesmo. As labaredas afastam-se para barlavento, quando o «Melo» descreve metade da volta. Todos corremos desvalrados para o lado do navio onde as chamas não chegam, mas a volta completa-se e estas tornam de novo. Muda-se de sítio; chocamos uns com os outros; os pés, que há muito deixaram as sapatilhas que os protegiam, calcam agora a chapa em fogo. Gritos de desespero, sofrimento e saltos para arrancar do contacto daquela chapa a carne dos pés, mas sem nada que agarrar para ficarmos suspensos, voltamos a pisar o ferro em fogo.

Turbilhões de chamas, estrugir de gordura humana, dor que cega os olhos e leva alguns a atirar-se borda fora.

Um corpo não resiste e tomba desamparado na chapa incandescente. Rola quasi sem vida; o fato protege-o por momentos, mas em breve fica preso ao ferro. A pele entumece, toma uma cor lívida e faz aumentar de volume aquêle homem!

Rola como uma massa, mãos tentando agarrar qualquer coisa que não existe. A chapa perde por momentos, no sítio onde o corpo se detém, o tom rubro, com um assar lento que nos enche de horror e de repugnância.

A massa informe, desfigurada, mãos direitas e hirtas, rola sempre, animada por uma força oculta. Os cabelos arderem, o couro cabeludo prende-se, a pele, aos poucos, vai também ficando agarrada ao ferro. Uma mancha de sangue escurece por momentos a cor incandescente do chapeado, mas o fogo em breve toma conta do corpo que tombou e consome-o como um archote.

Joaquim Acharo, repatriado da Argentina, velho, alquebrado, pobre, depois de uma vida de trabalho, de regresso a Portugal, morreu assim!

A madeira da meia-nau começa a arder. As chamas avançam e reduzem cada vez mais o espaço em que aquêles que ainda vivem o podem continuar fazendo; o fumo, em densos rolos, enfia pelo corredor de estibordo quando o barco descreve a primeira volta, redemoinha batido pelo vento, que range furioso, e fica ali, a encher os camarotes dos oficiais maquinistas.

No seu camarote, Alvaro Costa, 4.º oficial maquinista do «Melo», ouve, tranqüillo, cabeça junto do rádio velho, a trabalhar baixinho para não incomodar ninguém, o pôsto que só êle conhece.

Deve estar atento, pois a tudo que se passa no barco — como tantas vezes o vi — concentrado na voz distante dêsse locutor camarada, ouvindo coisas que lhe agradam e que nos afirmará mais tarde, em segredo, serem as últimas notícias. O fumo penetrou no seu camarote, antes que se apercebesse do fogo. Certamente lutou com vigor contra êsse traçozeiro inimigo, mas a sua força não chegou. E deve ter caído, rendido de fadiga, num sono de chumbo, «para sempre», cabeça inclinada junto ao rádio velho e roufeno a ouvir, pela última vez, a voz do locutor que continuava a falar do futuro e da vida, quando a morte o rondava já.

UM AVISO SINISTRO: O BARCO VAI EXPLODIR!

As chamas cortam um dos cabos que prendiam aos turcos a baleeira de bombordo. Fica apenas suspensa pelo outro, proa virada ao mar. Num golpe certo, um marinheiro corta o cabo restante

e deixa-a cair nas águas. Perdem-se os remos, os aparelhos que a tornavam útil; enche-se de água. Um só dos homens que lutam ali perto com o mar, a alcança, um homem só dos muitos que a desejaríamos!

Mas um homem só, abandonado a si próprio numa baleeira, não se salva.

As chamas avançam sempre, reduzindo cada vez mais o espaço em que se pode estar no barco.

De súbito, circular a noticia de que o navio vai explodir. O medo de que as caldeiras rebentem, desfazendo e projectando tudo a distância, faz aumentar mais a raiva da nossa impotência, ali, entre fogo e água, aguardando a morte. A todos os segundos, nas explosões surdas dos porões, julgamos ouvir o começo dessa tragédia que seria o fim. Invade-me o pensamento um desejo enorme, apaixonado de viver. No meu cérebro desfila um mundo de recordações, pedaços desconexos, atitudes, gestos de infância...

— O barco vai explodir! As caldeiras vão rebentar!...

O som destas palavras é como se deixasse os ouvidos surdos de sangue.

— As caldeiras vão rebentar!... Os nossos olhos dilatam-se nos longes: mar e céu. Água a perder de vista, água negra, parada, à espera dos nossos corpos!...

III

O ARCHOTE HUMANO

Com ânimo de ferro no meio da tormenta de pavor que tomou os outros, João Redondo, natural de Ilhavo como todo o bom marinheiro, homem do mar e de nervos para as grandes ocasiões, aproxima-se da última baleeira presa ao barco. As mãos calosas, acostumadas ao trabalho duro, mexem-se com desembaraço.

As chamas rodeiam-no. O medo da morte que governa a bordo parece não o ter tomado. Arranca um machado, corre com êle nas mãos e começa a dar pancadas secas e firmes nos cabos que prendem a baleeira que oscila.

Luís Alexandre, padreiro de bordo, ajuda-o. Traz umas calças velhas de pijama às riscas encarnadas, peito nu e o olhar esgaseado, cheio de medo. Quando a embarcação começa a girar nos «turcos», a caminho das águas, fica imobilizado pelo terror, e uma língua de fogo alcança-lhe as calças do pijama, os pêlos do peito, os cabelos.

Os meus olhos abriram-se desmedidamente, as pupilas dilataram-se: o fogo avançava sempre de encontro ao seu corpo, que começou a inchar numa combustão lenta, a derreter gorduras com um estrugir que alucina.

A chama viva envolve-o todo. A lutarem com a morte os braços mexem-se desesperadamente para apagarem aquêle fogo. Solta gritos que são medonhos gemidos de dor a dominarem todos os ruídos.

A cabeça a arder eleva-se por vezes por cima daquele fogo; cara crispada e sem pele com uns olhos que parece quererem saltar das órbitas. Breve cai e deixa de bracejar tocado em qualquer órgão essencial que lhe val dar morte rápida. Um ronco torturado escapa-lhe da boca e o olhar ainda erra, fevóz, ao redor, circundando vagaroso tudo que o cerca, para se deter no ponto da partida, na baleeira, a girar lenta para o mar, ao mesmo tempo que o seu corpo estava a ser consumido pelas chamas que o tomaram todo. Os olhos não deixavam a baleeira a marchar a caminho da salvação; nesses olhos estava estampado um terror enorme, infinito. Quando o pequenino barco atinge as águas e fica preso ao «Melo» pela água, Luís Alexandre estava calcinado...

João Redondo tem nas mãos ressequidas o machado de cabo curto. Vibra golpes certos para cortar a boça e desprender a baleeira do barco a arder. O costado está em braza e êsse esforço é

feroz. Do tejadilho, olho o seu trabalho de gigante sem me ocorrer que estava a ver os preparativos para desprenderem do barco a última baleeira, a única possibilidade de me salvar. As pancadas continuam a ser vibradas com segura regularidade.

AGUAS PEJADAS DE TUBARÕES

O «Melo» deforma as milhas em círculos largos e leva presa a baleeira que se enche de água na violência do reboque. O machado nas mãos de João Redondo desenha no ar curvas estranhas e nem sempre bate no cabo, que ainda continua tenso, por cortar. Cá em cima, gritos medonhos de medo e raiva impotente.

Mais uma pancada certa, um golpe feliz esfrela o cabo, desprende a baleeira que se arrasta junto do costado e vem meter-se no vão da pópa com a hélice a espadanar as águas. Naqueles segundos, um simples movimento do «Melo» podia fazer que o hélice trucidasse os corpos dos ocupantes. O acaso protege-os e a baleeira saiu rápida daquela prisão e perdeu-se no mar. Olho atônito, indeciso, sem compreender.

Mas no mecanismo do meu cérebro tinha já surgido o segundo das decisões. Lanço-me de um salto ao mar e vejo rapidamente o «Melo» a marchar, a deixar-me só nas águas negras, pejadadas de tubarões. O incêndio vai iluminando o mar, mas deixa em sombras as águas que foram ultrapassadas. Nado sem convicção, desesperadamente, escurição dentro. A baleeira não deve estar longe. Grito, e a água entra-me em golidadas para a boca. Nado sem rumo; começo a sentir-me entorpecido, sem forças. Os gritos perdem-se sem resposta e as forças a faltarem-me; os braços entorpeceram, as pernas não querem obedecer. Rodeia-me uma sombra quieta, imensa, do tamanho do mar. Grito; a água afoga-me, enche-me o estômago. Os ouvidos parece quererem rebentar em sangue com um zumbido que cresce. A cabeça, dorida, parece querer estalar. A baleeira deve estar perto. Nado ainda nas águas negras do mar sem fim que os tubarões inundam aos cardumes. O cinto de salvação, velho, impróprio, mal preso, dificulta-me os movimentos e quasi me sufoca.

(Continua na pág. 18)



Uma jangada de morte e desespero...

ESTORIL

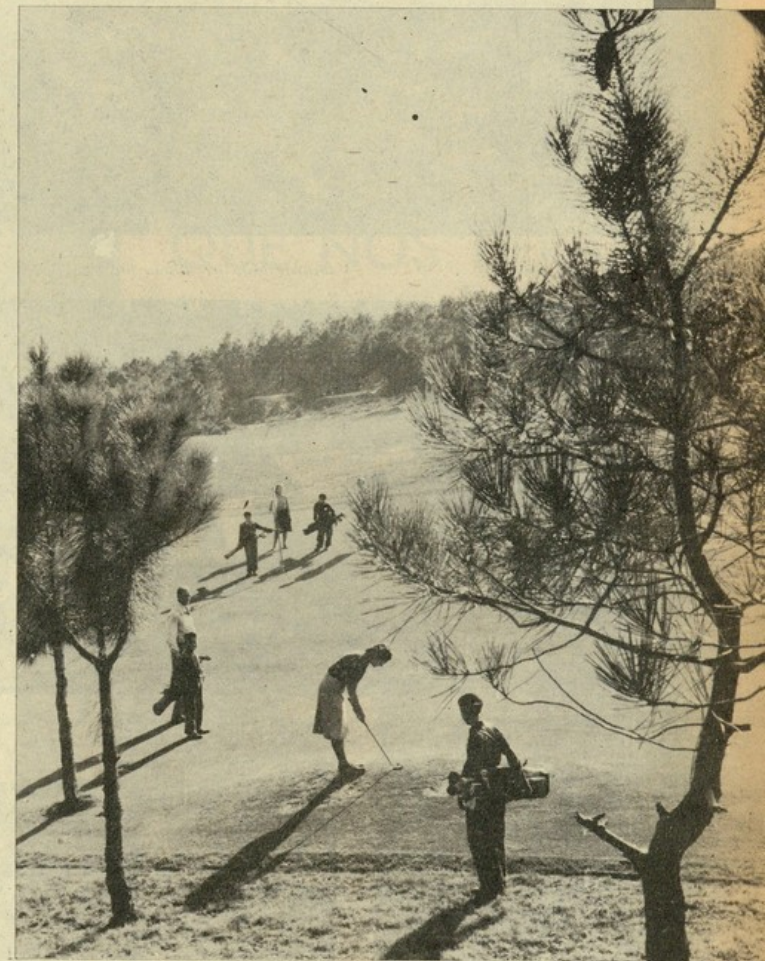
UM GRANDE CARTAZ
INTERNACIONAL
NO MUNDO DE ÁMANHÃ!

PARA quantos alguma vez puseram em dúvida os recursos de uma zona e de um clima sob todos os aspectos iguais aos melhores que de maior fama lá fora podem ter gozado — aqui apresentamos esta série de fotos, verdadeiro documento de um meio cosmopolita excepcional. Podia levar por baixo, cada foto, uma legenda: Riviera, uma dessas lindas praias da Côte d'Azur, hoje despedaçada pela guerra. Mas não, estes belos aspectos da costa oceânica são simplesmente portugueses e representam o Estoril — o Estoril, a Costa do Sol portuguesa, uma réplica ousada à Costa Azul francesa.

Com efeito, essa magnífica nesga do litoral, rica de graças naturais — um céu límpido, um ar seco, um clima temperado, um mar doce, carregado de iodo — e valorizada pelo engenho e gosto humanos, é hoje um aprazível recanto do mundo, onde virão repousar quantos, batidos pelos horrores do mundo em guerra, reclamam, da vida, paz, descanso, amor e alegria entre os homens de boa vontade.

E, assim, o Estoril que soube acolher com suprema solicitude aqueles que fugiam à guerra, dando-lhes todos os requintes que uma vida verdadeiramente europeia lhes podia oferecer — vai, agora, depois da guerra, ser o grande cartaz dos milionários de todo o mundo, dos ansiosos de uma vida melhor, mais repousada e reconfortante de energias esgotadas sob a pressão da tragédia.

Portugueses e estrangeiros: atenção, pois, ao Estoril, o maior cartaz internacional!



À sombra dos velhos pinheirais, o «golf» é, ainda, uma das mais agradáveis distrações para uma sociedade habituada aos grandes centros de diversão europeus.



Como um lindo narciso, o Casino do Estoril contempla-se nas águas claras do claro lago...



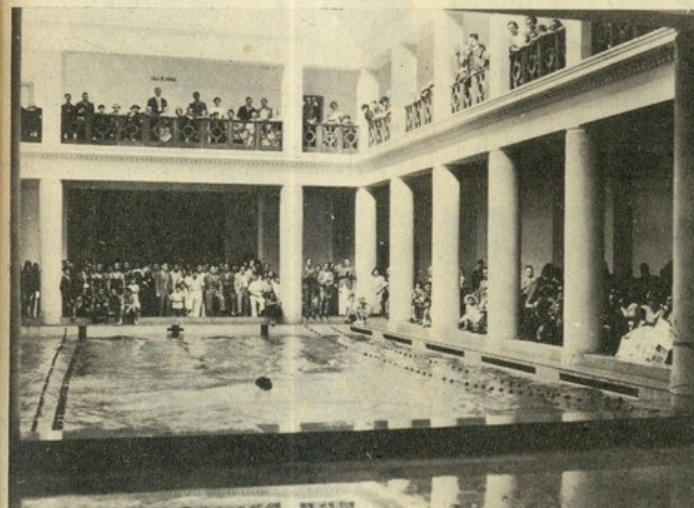
Praia de gente moça e elegante, o Estoril marca pela alegria sã da juventude.



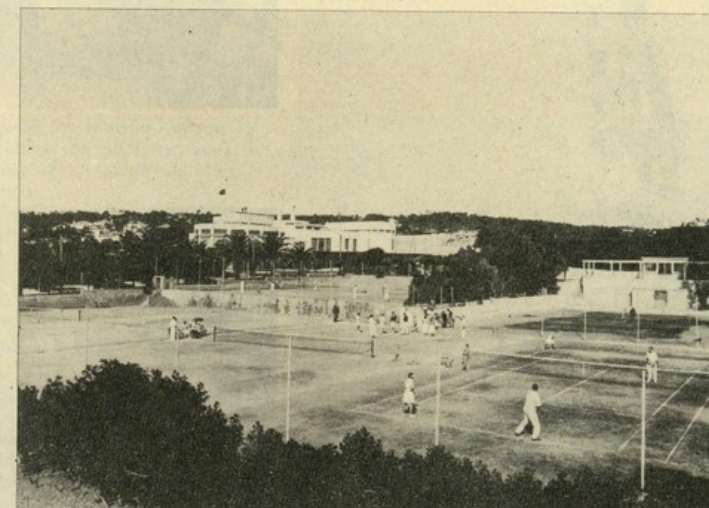
Parece uma caixinha de brinquedos: lá ao fundo, o Casino com o tapête do Parque aos pés e, mais perto, a estação e o mar...



Nos belos salões de chá do Casino, à tarde e à noite, um mundo elegantíssimo desfila, procurando na dança um novo passatempo.



A piscina oferece também algumas horas de alegria sã, à mocidade que procura o desporto para a saúde do corpo e do espírito.



E é ainda no desporto que o mundo cosmopolita do Estoril se retempera: aqui está uma partida movimentada de «tennis», de categoria internacional.

A NAÇÃO FOI DIZER: A CARMONA E A SALAZAR:

OBRIGADA,
PELA PAZ
QUE NOS DERAM!

Carmona e Salazar — dois chefes e dois símbolos. Eles puderam, com a sua política, proteger Portugal da trágica desventura de uma guerra penosa e dissolvente das melhores energias da nação. E a nação inteira foi, no último sábado, levar o seu obrigado a Carmona e a Salazar. Obrigado, pela paz que puderam dar a Portugal!



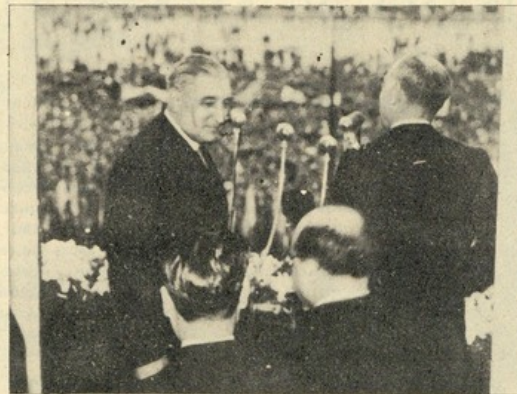
O sr. Presidente da República, rodeado do Chefe do Governo, do sr. coronel Lopes Mateus e de quantos se associaram à homenagem da Nação.



Diante das arcadas, na Praça do Comércio, representantes do país inteiro desfilam no auge do entusiasmo



Nesta magnífica mala em couro trabalhado, está contida terra de todos os distritos, e no livro que o sr. Presidente do Conselho examina estão os autos assinados em todos os grêmios da lavoura.



Um momento antes de começar o seu discurso, Salazar, na varanda do ministério, conversa com os presentes.



O sr. Presidente do Conselho termina o seu discurso de agradecimento com um «Viva Portugal!».

Duas horas antes de começar a cerimónia no Terreiro do Paço, já o povo procurava poiso na estátua de D. José...



As airosas varinas da Nazare vieram a Lisboa com as suas canastras cheias das flores que foram colocar à roda do busto de Salazar, no seu antigo gabinete de trabalho.



Chapéus no ar, um «viva» vitorioso que é o próprio eco do discurso do Presidente do Conselho: «Viva Portugal!» — o povo cá de baixo responde!



A chuva veio semear tristeza e contratempo, onde só havia alegria e entusiasmo. Ainda assim, estes que aqui se vêem não arredam pé e aplaudem.



Ainda um outro aspecto da multidão que, na Praça do Comércio, vitoriou o Chefe do Governo quando assomou à varanda para falar ao povo.



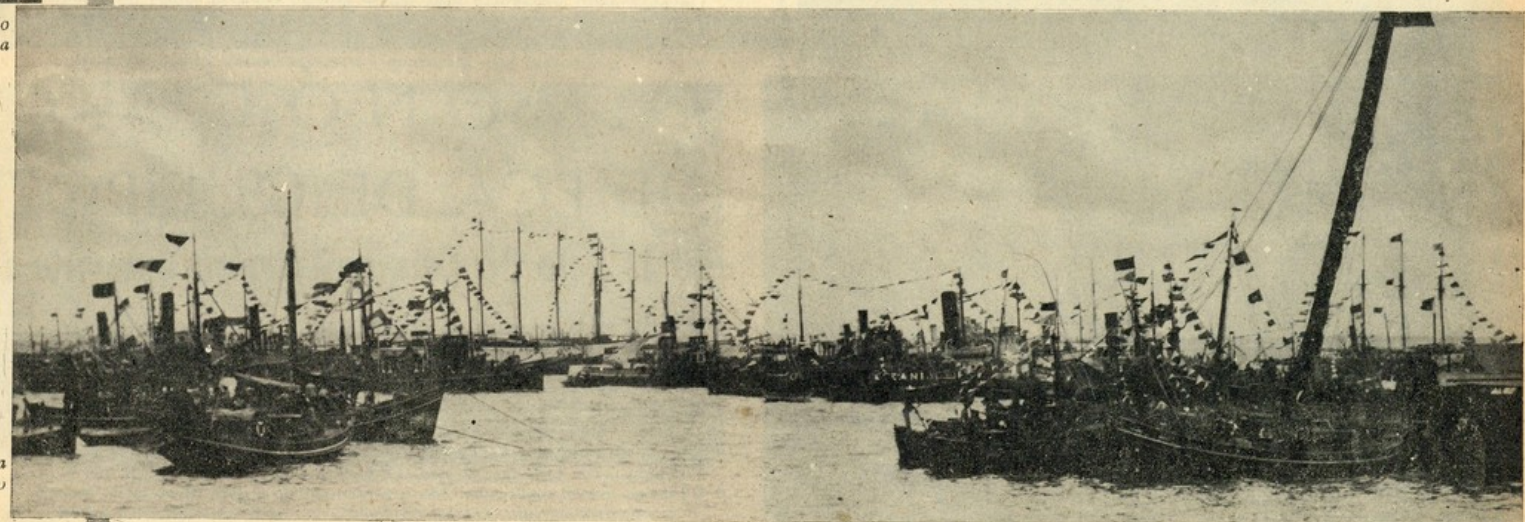
Tôda a gente quis ir à Presidência da República levar o seu obrigado, por não irmos para a guerra.



No Pátio dos Bichos alinham os representantes de Sindicatos, Casas do Povo, Grêmios e outros organismos corporativos.



Outro aspecto da multidão, comprimindo-se no Pátio dos Bichos, para saudar o sr. Presidente da República.



No Tejo, as embarcações, que eram algumas centenas, estiveram assim embaudeiradas



À saída da carruagem, a sr.ª D. Amélia ergue a mão:
— Não, não quero fotografias!

TRÊS ASPECTOS DA CHEGADA DA SR.ª D. AMÉLIA DE ORLEANS E BRAGANÇA A PORTUGAL

A sr.ª D. Amélia de Orleans e Bragança, viúva do rei de Portugal, trágicamente morto em 1908, voltou à terra portuguesa, com as honras inerentes à sua alta categoria e as facilidades que o Governo julgou convenientes. Por uma noite destas, na estação de Entre-Campos, apeava-se essa senhora que foi uma das mais lindas mulheres da corte da Europa, apoiada à sua bengala e ao braço do chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Henrique de Viana. O sr. dr. João de Mendonça, com o capitão Amado, foi esperar a ilustre senhora, que se fez acompanhar de uma secretária, Madame Randel Brouillard, e de duas criadas — a Vilar Formoso, onde o povo começou as suas manifestações de ternura por aquela que como mãe e esposa, soube sofrer portuguêsemente. O sr. capitão Lourenço e outras altas individualidades da Polícia e do antigo regime, rodearam a ilustre senhora, protegendo-a da curiosidade popular.

Quando chegou a Lisboa, encontrou o Aviz em festa, todo iluminado e com os criados à sua espera. O vagão presidencial em que viajou vinha juncado de flores, e a sr.ª D. Amélia manifestou-se, desde sempre, contrária à publicidade, aos fotógrafos e aos jornalistas. Durante a ocupação alemã, a ex-raíña de Portugal manteve-se sempre em Versailles, com a bandeira portuguesa erguida — e respeitada. Tanto os ocupantes como o próprio Governo português lhe ofereceram a oportunidade de se retirar para lugar menos sujeito às vicissitudes da guerra, mas a sr.ª D. Amélia de Orleans e Bragança recusou-se sempre a afastar-se dos seus haveres e da sua casa.

Agora, a ilustre senhora deve prolongar a sua estadia entre nós.



As apresentações são feitas pelo sr. dr. João de Mendonça: Dr. Henrique Viana, o sr. capitão Maia Loureiro, o sr. capitão Agostinho Lourenço, o sr. capitão Amado e D. João da Câmara.



A caminho do hotel, pelo braço do sr. dr. Henrique Viana, que tem a seu lado Madame Brouillard.



O MONÓCULO DE EÇA DE QUEIROZ Visto pelo Dr. Luís de Oliveira Guimarães

DAS muitas conferências levadas a efeito para celebrar o centenário de Eça de Queiroz, sem dúvida que esta do Dr. Luís de Oliveira Guimarães há-de ficar na lembrança de quantos o escutaram, na Casa de Entre-Douro-e-Minho Um público escolhido pôde, assim, deliciar-se com o desfile de algumas sorridentes evocações do autor de «A ilustre casa de Ramires», numa conjugação de valores em que não foram de menos vulto a graça e a ironia do seu evocador. «O monóculo de Eça de Queiroz» — assim intitulou o Dr. Luís de Oliveira Guimarães a sua conferência. E, neste título, é preciso que se diga, cabe toda a personalidade e obra literária do artista.

Ao centro, na foto, vemos, de óculos, o ilustre conferencista, conversando com algumas das pessoas que o foram escutar.



O sr. ministro da Bélgica, M. Motte, também quis confraternizar com a colónia de belgas residente em Lisboa, por ocasião da vitória das Nações Unidas na Europa. Na foto, vemos o ilustre diplomata rodeado de alguns dos seus compatriotas, quando da brilhante recepção realizada nos salões da legação.

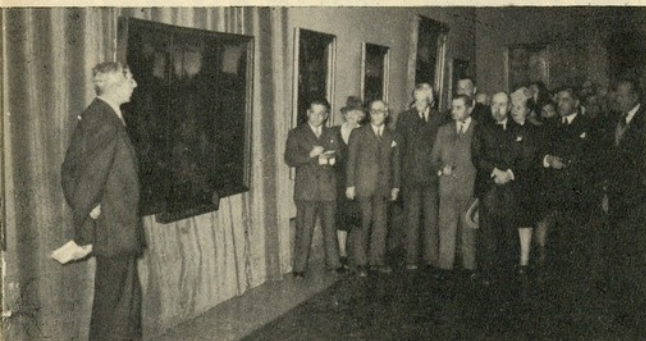
O Grupo Desportivo da Imprensa Nacional veio apresentar em público o valor de uma dúzia de rapazes que, muitas vezes, aparecem dispersos — e em destaque — por outras exposições. O certame, que era de trabalhos em desenho e pintura, foi inaugurado, como se vê na foto da direita, por funcionários superiores da Imprensa Nacional, constituindo um grande êxito idêntico só ao obtido pela I Exposição de Artes Gráficas — há dias encerrado pelo sr. ministro da Educação Nacional. Nesta última exposição, classificaram-se, em pintura, entre outros, com primeiro prémio na categoria de expositores, Álvaro Barroso (aguarela), Rudy (gouache) — dois nossos colaboradores — e, ainda, Alberto Silva Neto, com uma miniatura a óleo.



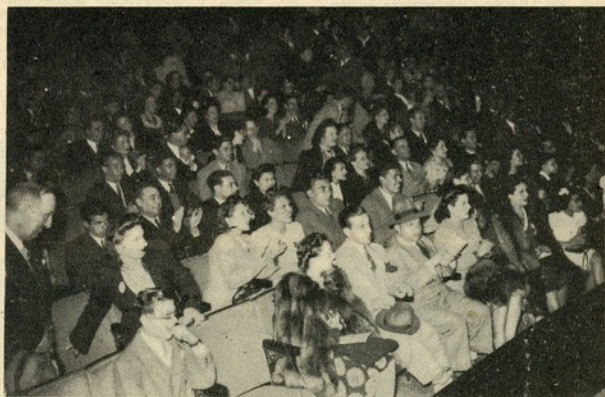
Recentemente, o Governo agraciou o Prof. Dr. Mosés Amzalak com as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Instrução Pública. Agora, um grupo de antigos alunos do ilustre professor — seus amigos de hoje e seus admiradores — quis oferecer-lhe as insígnias, numa cerimónia singela e expressiva, efectuada na Sociedade de Ciências Económicas, durante a qual falaram o homenageado e os drs. António Pedrosa Pimenta e Carmona e Costa.



Foi uma linda festa de confraternização, esta que os Fernandes de Portugal realizaram no Capitólio, com a colaboração dos melhores artistas do teatro, do cinema e da rádio. E, mais curiosa ainda, pela expressiva camaradagem e solidariedade que representa, foi o momento em que a direcção do Grupo dos José foi ao palco oferecer ao sr. dr. Fernando de Lacerda, presidente dos «Fernandes de Portugal», um lindo ramo de cravos. A foto é um flagrante dessa cerimónia, entusiasticamente aplaudida pela assistência.



A Escola de Viseu, que é das mais definidas e representativas na panorâmica das artes portuguesas, acaba de ser enriquecida, no que respeita ao património dos nossos museus, com uma addiva principesca — um triptico de Grão Vasco, o Vasco Fernandes de Viseu, destinado ao Museu de Arte Antiga. Essa obra representativa, que é oferta dos herdeiros de Herbert Cook, visconde de Morsgate, foi entregue ao Estado na presença dos srs. ministro e subsecretário de Estado da Educação Nacional e do embaixador de Inglaterra, do director do Instituto Britânico e do director do Museu de Arte Antiga, sr. dr. João Couto.



«A Noiva do Brasil» estreou-se, há dias, para apresentação de um novo realizador — Santos Mendes — e de um novo núcleo de artistas. Entre estes salientam-se Patrícia de Lancaster, que se vê na primeira foto, em cima, com o sr. Presidente da República, o realizador Santos Mendes e algumas altas individualidades. Na segunda foto, vemos os intérpretes, agradecendo os aplausos no final da exibição e, em baixo, um aspecto da assistência durante um dos intervalos.

PARA A SUA CURIOSIDADE

IMAGENS DA INGLATERRA PITORESCA

A Inglaterra é o país do conservantismo e dos costumes bizarros. Enquanto que a América tem um trabalho louco para ser original, matando-se a inventar coisas de carácter alucinante — a Inglaterra não tem mais que manter a tradição dos trajos, dos costumes e das cerimônias. Aqui — está, por exemplo, no que respeita a trajos, este curioso uniforme do batalhão de carabineiros irlandeses, recentemente inspeccionado em Londres. A sua banda de gaiteros não é também curiosa?



UMA OPERAÇÃO DE LIMPESA...

Esta senhorita chama-se Shirley Everitt e é membro do 4-H Clube. Com este aparelho mungidor, quer mostrar-nos como serão as futuras quintas e herdades da Europa — porque, na América, há muito tempo que o trabalho mecânico substituiu o trabalho manual. Não é verdade que se torna fácil e higiênica esta operação de mungir? Até dá vontade de arranjar uma vaquinha...

QUERE CASAR-SE?

Dirija-se à "mairie" de Tokio...

I Japão, que entre outras coisas produz muitos «bebés», decidiu-se a organizar racionalmente esta produção, tal como tem feito a outras. Foi para isso que a municipalidade de Tokio e de outras grandes cidades da Império de Tenno, abriu, a par de repartições de assistência e de inscrição de desempregados — repartições matrimoniais, onde os japoneses dos dois sexos atrados dos campos em grande número para os centros industriais, pelas necessidades da produção de guerra, poderão encontrar as suas almas gémeas seleccionadas pela diligência oficial de funcionários públicos que se encarregaram de burocratizar o amor.

Os candidatos devem preencher uma ficha mencionando a sua idade, profissão, religião, haveres e particularidades físicas. Um espaço desta ficha é reservado às qualidades que desejam encontrar na futura companheira, ou companheiro.

É neste espaço que mencionam se a, ou o, deve ser grande ou pequeno, budista ou sintoísta, alegre ou triste, e preferindo arroz em água ou em leite...

Os serviços municipais classificam as ofertas e os pedidos, e apresentam as propostas uns aos outros, bastando para isso que se esteja munidos de um certificado pré-matrimonial. O resto, é uma questão de amor à primeira vista...



UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA

FOI a 2 de Outubro de 1910 que se fez esta fotografia, hoje histórica. Hermes da Fonseca regressava ao Rio de Janeiro para assumir as altas funções de Chefe de Estado, e foi recebido pelo chefe da nação portuguesa — que era, então, o rei D. Manuel II. O mariscal brasileiro, que é o mais baixo, à esquerda, era já Chefe de Estado e pôde ainda assistir aos trágicos acontecimentos que precederam o cinco de Outubro. Esta deve, portanto, ser a última fotografia de D. Manuel — rei de Portugal.

CADA QUAL... PARA O QUE NASCE!



ORA VEJAM



A ARTE



COM QUE EU TOCO



PIANO!



Uma reunião que talvez seja igual à última dramática, realizada na chancelaria: Hitler, Keitel, Jodl e Deyhle discutem a marcha das operações.



Sobre a figura de Hitler começa a correr a mística e a lenda. Teria morrido? Irá reaparecer? Incarnará a alma da Alemanha vencida, nos seus desfechos de desforço?

LIS o relato dramático das últimas horas da resistência em Berlim e dos últimos momentos de vida de Hitler. Reproduzida pelos jornais ingleses, esta descrição foi feita há dias por Gerhardt Herrgesselle, dactilógrafo confidencial do Führer.

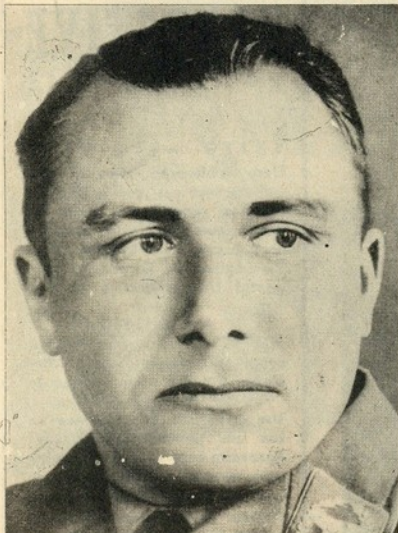
No dia 21 de Abril, o fogo da artilharia russa começou a martelar em salvas concentradas a Wilhelmstrasse. A infantaria avançava em direcção à chancelaria, e as forças dos S.S. da guarda pessoal de Hitler receberam instruções para ocupar os postos de combate e resistir até à última...

E, às 12 horas e quinze minutos iniciava-se a última conferência dos nazis, a qual durou até às 7 horas e meia da tarde. Os oficiais do exército e do partido entravam e saíam constantemente, às vezes aos trinta de cada vez, para receber ordens.

A confidente de Hitler, Eva Brann, também se encontrava presente na reunião. Além dela, estavam Borman, o delegado do Führer; o general Jodl, chefe do Estado-Maior pessoal de Hitler; e o marechal Keitel, chefe do Estado-Maior da Wehrmacht.

Adolfo Hitler envergava, nesse dia, umas calças escuras e um «dolman» cinzento de campanha, onde se via, isolada, a Cruz de Ferro, uma camisa castanha com colarinho e punhos brancos.

O Führer parecia estar ligeiramente nervoso e, de vez em quando, tinha gestos bruscos. O rosto estava corado e bochechudo. Tinha os ombros caídos, quasi parecendo um corcunda, e as mãos tremiam-lhe febrilmente.



Martin Bormann, um dos últimos da última conferência, autor do famoso memorando que constituía a declaração de guerra do partido nazi à igreja.

Após alguns momentos de silêncio, exclamou: — Já não vale a pena continuar a resistir! Permanecerei aqui!

Porém, como não tornasse a acrescentar mais nada, todos ficaram sem saber se aquela decisão era definitiva.

As 5,30, Hitler interrompeu a conferência e retirou-se para outra sala, durante alguns minutos, acompanhado por Borman, Keitel e Jodl, aos quais declarou com firmeza.

— Está tudo acabado! Permanecerei aqui, na Chancelaria, até cair morto.

Depois, esclareceu que perdera toda a confiança na Wehrmacht, na Luftwaffe e nos Waffen S.S. Todavia, segundo tudo indicava, parecia continuar a confiar implicitamente na fidelidade da marinha de guerra.

Keitel e Bormann opuseram-se à decisão de Hitler permanecer em Berlim. Jodl mostrou-se indiferente.

Em seguida, Keitel e Bormann procuraram persuadir Hitler a seguir para o sul da Alemanha ou para a Noruega. Mas Hitler recusou.

Procurou, por várias vezes, fazer calar Bormann e Keitel, sem conseguir, havendo momentos em que falavam todos ao mesmo tempo, em altos berros.

Então, Hitler ordenou a Keitel, Bormann e Jodl que saíssem de Berlim; mas, os dois primeiros declararam:

— Führer, não vos abandonaremos!

Irritado, Hitler deu-lhes a seguinte ordem:

— Sigam para o sul da Alemanha. Goering formará um novo governo. Goering é o meu sucessor e será ele quem negociará a paz.

Keitel tentou, ainda, persuadir Hitler de que havia uma grande extensão da Alemanha para prosseguir a guerra, mas este não se deixou impressionar.

Jodl perguntou por duas vezes:

— Meu Führer, abandonais a chefia total?

Mas Hitler nunca respondeu concretamente.

Por fim, Jodl disse:

— Não ficarei mais tempo nesta ratoeira. Aqui não se pode nem combater nem trabalhar.

Depois, Doenitz telefonou. Fez um relato optimista da situação, mas Hitler limitou-se a dizer

simplesmente:

— Muito obrigado, grande almirante. Heil! — e desligou.

Logo a seguir, telefonou Ribbentrop. Este disse a Hitler:

— Um dos nossos melhores agentes que esteve em contacto com os melhores círculos britânicos acaba de chegar da Suíça. Afirma que o gabinete britânico está dividido e que a dissensão entre os Aliados deve dar-se dum momento para o outro.

Hitler replicou:

— Isso é o que você diz...

Pouco depois, apareceu Goebbels, acompanhado pelos filhos. Assim que entrou, disse logo:

— Proponho que voltemos as costas para a frente ocidental e continuemos a combater o bolchevismo.

Hitler respondeu-lhe:

— Não coopero nesse plano. Já não quero saber de mais nada.

A discussão prosseguiu até às 7 horas e 30 minutos. Keitel continuava a afirmar que não abandonaria o Führer, e Hitler continuava a ordenar-lhe, a ele e aos outros, que se fóssem embora.

— Quando saí da Chancelaria — disse Herrgesselle — Hitler e Eva Brann estavam sentados ao lado um do outro. Ela pediu-me que lhe levasse um embrulho.

Saímos da Chancelaria depois do escurecer e seguimos de automóvel para o aeródromo. O médico de Hitler, dr. Morell, acompanhou-nos. Aterrámos em Munich às 4,15 da madrugada de 23 de Abril.

Em Berchtesgaden, entreguei o embrulho de Eva Brann a um dos ajudantes de Bormann. Ainda hoje não sei o que aquele embrulho continha.

Também não sei o que se passou na Chancelaria depois de eu sair. Penso que Keitel pode ter tentado demover Hitler pela força. Mas, se bem que haja uma pequena probabilidade de que Hitler esteja vivo, estou convencido de que ele morreu juntamente com Eva Brann, Bormann e os últimos guardas dos S.S.

Crelo também que estava tudo preparado para meter o cadáver num caixão que foi colocado num dos edifícios do Governo, onde teria sido escondido sob os destroços do prédio.

A ÚLTIMA REUNIÃO NA CHANCELARIA DO REICH

MUSSOLINI E RIENZI

(Continuação da pag. 3)

A fama do tribuno tornara-se universal. Mas com a glória, com o renome, vieram as ambições desmedidas, a vaidade inflamada, o orgulho exagerado e os vícios que quasi sempre se conjugam com as eminências de chofre atingidas. Revestiu-se de títulos pomposos. Adorou os trajes e as cerimónias espaventosas. Fêz-se armar cavaleiro, desdenhando da sua origem plebeia.

No auge do seu poderio convocou o papa Clemente para o seu tribunal e prescreveu-lhe a residência em Roma; intimou Carlos da Boémia, Luis da Baviera e os eleitores da Alemanha a informá-lo a que título haviam usurpado o inalienável direito do povo romano, o antigo e legítimo soberano do império.

A arrogância de Rienzi não conhecia limites. Pretendia ressuscitar carne morta. Fazer reviver o antigo império, sob a suzerania de Roma. E nem lhe faltou a coroação.

Os italianos são volúveis. A opposição dos nobres juntou-se o abandono dos plebeus. O Conselho (fascista?) que tinha instituído, em breve marcava o seu poder. E sete meses depois da sua retumbante ascensão ao governo de Roma, Rienzi estava em terra.

Mais lhe valera ter ficado no ostracismo toda a vida. Abdicou, em Dezembro de 1347, sob a pressão geral. Nobreza, clero e povo conjuraram-se contra ele. Subiu ao poder com a simpatia popular. Sete anos depois, um novo papa de Avinhão, Inocência VI, servia-se do tribuno para jugular a anarquia que lavrava em Roma. E em Agosto de 1354 entrou Rienzi novamente em Roma no meio de festas e entusiasmo. Mas já não era o eleito do povo, mas apenas um delegado estrangeiro da corte de Avinhão.

Com a sua nova ascensão tornara-se cruel e intemperado. Em vez de justo, era arbitrário.

Em Outubro de 1354, a população furiosa assaltou o Capitólio, onde residia. Os seus guardas abandonaram-no, e o antigo tribuno, só com a família, ficou à mercê da multidão. O desgraçado pôs-se a correr, chorando, os apóstolos do palácio.

Forçaram as portas com machados e fogo; e quando Rienzi tentara escapar-se em trajes plebeus (como Mussolini vestido de soldado), descobriram-no e arrastaram-no, meio nu e

meio morto, para a frontaria do palácio onde, após uma hora de exibição, um assassino lhe trespassou o coração com um punhal.

Há nestes dois homens analogias estreitas. Ambos são de origem humilde, ambos são cultos e eloquentes, ambos organizam uma milícia, ambos encontram a sua pátria em dissolução e a beneficiam com a ordem e leis salutaras, ambos são presa de ambições desmedidas, ambos versáteis, um dia patriotas, outro delegados do estrangeiro, ambos são objecto de admiração universal. E o mesmo fim trágico, às mãos dos seus próprios concidadãos e até correfrigonários, os irmãos.

A diferença que existe é que o poder de um foi curto — entre a primeira ascensão de Rienzi e a sua morte decorreram sete anos; e o poder de Mussolini durou uns vinte e três.

Mas ainda há mais analogias. A soberania de Rienzi teve dois períodos, como a de Mussolini; ao primeiro período pôs fim o seu Conselho, tal qual como o Conselho Fascista fez ao «Duce»; no segundo período já não era delegado do povo italiano mas do papa de Avinhão, assim como Mussolini que, depois da sua libertação, já não representava os interesses italianos mas os alemães.

A alma humana, é sempre a mesma. Mas a alma dos italianos, desde a Idade Média, essa é sempre a mesmíssima alma, ora humilde, ora arrogante, conforme as ocasiões.

ANTONIO RUAS

O VELHO PORTO
Niepoort
sabe... a quem sabe

A TRAGÉDIA DO "MELLO"

(Continuação da pag. 9)

Entrequei a minha vida àquele pedaço de pano e cortica que, num repente, rasgo e afasto de mim para me salvar. Fico nas águas e vejo por momentos boiar aquela esperança. A noite toma conta dele, e só, nas águas revoltas do mar, nado sem destino, gritando cada vez mais. Silêncio em resposta. Os minutos decorrem, longos como séculos. O zumbido cresce nos ouvidos; os meus braços já não fazem movimentos, elevam-se para o ar e a cabeça mergulha nas águas. Um pensamento toma-me todo: vou morrer!

Bracejo a gastar as últimas forças que me restam. A mágoa desse pen-

samento parece dar-me energia. O meu corpo embate contra coisas duras que o fogo espalhou nas águas. Julgo que entrei em contacto com os tubarões, sinto-lhes a viscosidade da pele, os dentes a enterrarem-se nas minhas carnes. Um estremitamento toma-me todo. Um calafrio de terror faz-me levantar com raiva o corpo das águas a taparem-me a cabeça, mexo os braços com frenesi e corte o silêncio com um grito que julgo ser o último. Os meus lábios já não articulam novo grito: a água enche-me a boca. Os meus braços já não bracejam, o meu cérebro já não tem pensamentos de mágoa. O zumbido dos ouvidos já não é zumbido, é dor, uma dor serena que não custa a suportar. A morte, ali sózinho, aproxima-se de mim. A cabeça começa a entrar nas águas que me vão servir de sepultura. Só os olhos persistem em ficar abertos, cada vez mais abertos, para verem no derradeiro momento, no último olhar antes de deixarem a vida, uma coisa mais negra que a negridão da noite, mexer-se nas águas negras: a baleeira!

Tomam-me novas energias. Bracejo. Elevo a cabeça que ia mergulhar para sempre no mistério do mar. Os olhos não acreditam: a baleeira!

Agorá desenha-se mais nítida. A proa uma figura conhecida: João Redondo.

Deve ser uma visão. Mexo os braços com desespero, com raiva, agito o corpo todo. Despedaço o ar com gritos esfarrapados. Silêncio. Grito novamente e atentam em mim: uma voz clara e forte, resoluta e dura vem de lá: — Coragem!

Uma esperança começa a viver no meu cérebro. A voz de João Redondo eleva-se e chega até aos meus ouvidos como uma promessa: — É o senhor piloto, dêem-lhe a mão; está a afogar-se.

Uns braços fortes agarram-me os cabelos, os ombros, e puxam-me o corpo inteiro para a baleeira. Tombo um banco, inconsciente. Os outros homens prosseguem na faina de salvar as camaradas enquanto um trata de mim.

Savores
viga
MODAS
E BORDADOS



CASA José Costa
RÁDIO

RUA DE S. PAULO, 11-13 LISBOA / TEL. 2 4888

COISAS LÁ DE FÓRA UM RÉCORD ORIGINAL

TRADUZIMOS a notícia de uma revista americana. Diz ela que o director de uma piscina de Miami, na Flórida, é um pescador célebre de crocodilos, muito abundantes nestas paragens.

Recentemente, conseguiu apanhar um crocodilo enorme, nada menos do que medindo cinco metros de comprimento. Com grande surpresa do destemido pescador, ao abrir o corpo do animal, encontrou lá dentro 29 pequenos crocodilos, todos vivos, o que será a mesma coisa que dizer que, de uma só vez, apanhou 30 destes perigosos animais — verdadeiro «récord».

Os nadadores de Flórida felicitaram vivamente o pescador por ter diminuído de 30 crocodilos o número dos piratas do mar que tantos perigos têm causado com a sua ferocidade.

Os portugueses são os que mais se lavam? Sim!
180s00 COM EMBALAGEM E PORTE PAGO
CASA LYRA
ROSSIO, 93 • LISBOA

O 2.º NÚMERO DE DETECTIVE ENCONTRA-SE JÁ À VENDA

ÉXITO ABSOLUTO!
Uma publicação única no seu género em Portugal!
Novelas, reportagens, casos de espionagem, problemas policiais portugueses e estrangeiros, etc. 32 páginas de leitura emocionante! Uma sugestiva capa a 3 côres!

Avulso: 2\$50
«DETECTIVE», apesar do seu preço, é distribuído gratuitamente a todos os assinantes de «Vida Mundial Ilustrada». Um benefício como nunca se fez em qualquer publicação! Aproveite esta vantagem: assine esta revista — e pelo preço de uma publicação, receberá duas! Pedidos de assinatura: Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa.

APRENDA RÁDIO
POR CORRESPONDÊNCIA, PEÇA FOLHETOS GRATIS
ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO PORTUGAL S.P.A.
A.DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PÓRTO



1 A menina Bárbara fez agora 4 anos e resolveu dar uma festa. Bem vestida, bem penteada, e-la pronta para receber os convidados. E o primeiro é a Bêtnha, que lhe traz um lindo presente — uma construção de armar...



2 O segundo convidado foi o Edmundinho, um menino bem comportado, como adiante se verá. O pior é que a menina Bárbara, muito amável, ao querer ajudar a visita a despir o casaco, não sabe despartir botões. E, então, toma destas posições...



3 Chegaram mais visitas. Bárbara mostra-lhes o óculo que o papá lhe ofereceu. Lá no fundo, vêem-se bonecos engraçados. E o Pato Donald, e o Jaiminho ri muito, enquanto a Bêtnha tenta em vão, do outro lado do óculo, ver os bonecos que estão dentro.



4 Mais tarde, veio a irmã da Bêtnha, a Lili, que é a mais nova. As meninas, então, resolvem fazer uma demonstração de «baillados clássicos», para os rapazes que parecem aborrecidos com a «plateia». rece muito preocupada com a «plateia», ao passo que o Edmundinho — sempre foi muito envergonhado! — não tira os olhos do tapete...



5 Foi então que as meninas resolveram fazer um baile de roda e cantar o «Quem anda no meio, é bem bonitinho...». O Edmundinho está envergonhado e o Jaiminho, olhando-as com um sorriso irônico, parece dizer: «crianças!...».



6 Bárbara, então, insiste pela experiência: «Vem também dançar!». Ele, porém, é tímido como um homem. Ah! que se ela conseguir arrastá-lo, há-de levar também a cadeira!



7 Este é o momento mais emocionante do fim do baile. A menina Bárbara fecha os olhos, aspira fundo e apaga, de uma vez, as 4 velas do seu bolo — uma vela para cada ano. Exprime um desejo — e os convidados aplaudem...



8 Um a um, todos se vão embora. O último convidado é o Edmundinho, o envergonhado, que não larga o capacete de papel que tanto lhe deu no gosto. Acabou a festa — e o Edmundinho, de olhos tristes, sujeita-se ao sacrifício de ser beijado...

A MENINA BÁRBARA DÁ UMA FESTA DE ANOS



O general Eisenhower, comandante supremo das forças americanas, visita as forças paraquedistas inglesas, com as quais os exercitos da América haviam de operar conjuntamente.

NÃO tardou muito que os acontecimentos demonstrassem como era modesta a estimativa feita pelo Quartel General do Cairo quando se referiu, pela primeira vez, oficialmente, à vitória de Alamein e às suas consequências imediatas. Poucas horas depois de publicado esse documento, por cuja leitura o mundo teve conhecimento da derrota do Eixo em África, o general Montgomery tomou a iniciativa de dirigir às suas tropas uma proclamação em que dizia, entre outras coisas: «O inimigo encontra-se agora à nossa mercê, e não tardará que se renda. A vitória está à vista». A proclamação do comandante do 8.º Exército, cujo nome começava a adquirir por toda a parte uma notoriedade justificada, terminava por uma exortação aos seus soldados para que não afrouxassem na perseguição do inimigo derrotado.

Duas tentativas da Luftwaffe, para retardar o ímpeto da perseguição às tropas do Eixo em retirada, foram completamente batidas. Nos dias 3 e 4 de Novembro, a aviação derrubou algumas dezenas de aparelhos alemães. Os «tanks», a artilharia motorizada e as divisões blindadas eram seguidos de perto, pela infantaria motorizada. Rommel procurava opor ao avanço impetuoso do 8.º Exército a cortina densa da sua artilharia anti-tank e das «Panzer». Os italianos, que guardavam o sector sul da frente de Alamein, viram-se de repente isolados e condenados à rendição. Os seus aliados tinham mobilizado, para a retirada que haviam empreendido, todos os veículos disponíveis.

No dia 5, as guardas avançadas britânicas haviam ultrapassado El Daba, fazendo mais de quatro mil

prisioneiros e destruindo algumas dezenas de carros alemães e italianos. No sul, os italianos começavam a render-se em massa. Entre os primeiros prisioneiros figurava o comandante da divisão Trento. O «Africa Korps» conduzia, já nessa altura, uma batalha de retardamento, procurando salvar da derrota tudo o que fosse possível. Mas a rapidez da perseguição não deixava que a sua manobra se realizasse com a presteza prevista pelo marechal Rommel. O duelo entre este chefe militar e Montgomery iniciara-se, para terminar dois anos mais tarde pela morte trágica do alemão.

A PERSEGUIÇÃO ÀS FORÇAS DO EIXO EM RETIRADA

Em Fuka, utilizando a natureza do terreno, os alemães tentaram uma resistência desesperada. Mas as divisões blindadas britânicas não afrouxavam na sua perseguição, decididamente apoiadas pela R.A.F., que fugitava implacavelmente as tropas do Eixo em retirada. O domínio do Ar, alcançado pela estratégia surpreendente de Tedder, era a condição prévia e essencial da vitória britânica no deserto.

Desajudadas e sem esperanças, as divisões italianas no sul rendiam-se uma a uma. Sucessivamente, a Folgore, a Trento, a Brescia e a Pavia, todas formações de «élites», compostas por tropas especializadas por veteranos da guerra de África, foram cercadas e entregaram-se sem condições. Na manhã do dia 7 de Novembro, o 8.º Exército tinha feito mais de vinte mil prisioneiros alemães. O número dos prisioneiros italianos era incomparavelmente mais elevado. O despojo tomado consistia de cerca de quatrocentas peças de artilharia e outros tantos carros blindados, além de um número incalculável de veículos e armas de toda a espécie.

Nesse dia começou a cair uma chuva abundante que não deixaria de diminuir o ritmo das operações. Mas os resultados conseguidos até essa altura podiam considerar-se decisivos. Tratava-se, efectivamente, duma vitória espectacular, alcançada por um exército que poucas semanas antes parecia encontrar-se em plena desagregação. As rendições no sector sul tomavam um carácter impressionante. Num dia entregaram-se os quartéis gerais de três divisões italianas.

Na noite de 7, as vanguardas britânicas atingiram Mersa Matruh. Rommel continuava a retirar rapidamente em direcção à Líbia. O Egipto estava libertado. Desaparecera a ameaça mortal que, durante alguns meses, pairava sobre o canal de Suez e a rota imperial britânica.

UM ACONTECIMENTO INESPERADO

Antes de continuar a narrativa da perseguição do 8.º Exército britânico às forças do Eixo, comandadas pelo marechal Rommel, a qual havia de levar os soldados de Montgomery, ao fim de quatro semanas, a Benghazi, realizando-se assim a mais impressionante proeza militar na história das grandes campanhas africanas, devemos referir um acontecimento inesperado que se produziu simultaneamente naquele continente e que veio alterar completamente todo o curso da guerra.

No dia 8 de Novembro, ao mesmo tempo que o 10.º corpo blindado britânico penetrava e tomava Fuka, uma operação militar de vastas e inesperadas proporções começava a desenrolar-se na área do Mediterrâneo, a qual conjugada com a ofensiva do 8.º Exército não tardaria a provocar o colapso total das forças do Eixo enviadas para o Norte de África, a fim de acatellarem a segurança da fortaleza europeia. Efectivamente, era evidente, já nessa altura, que no dia em que os alemães perdessem o «glacis» defensivo que haviam constituído no Norte de África, a sua situação na Europa nunca mais deixaria de se agravar.

Sem essa combinação, que representa na história da guerra a primeira grande realização estratégica dos Aliados, a ofensiva de Montgomery ficaria apenas (era a versão posta a circular pela propaganda alemã), como um movimento pendu-

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

lar da qualidade daqueles que desde 1940 se registavam periodicamente em África. No segredo da sua realização encontrava-se um número muito limitado de individualidades, todas altamente colocadas. Durante a sua visita de Agosto às forças britânicas, que se encontravam no Egipto a preparar a réplica de Tobruk, o sr. Churchill comunicara aos generais Alexander e Montgomery a natureza dos planos de envergadura assentes durante a sua viagem a Washington em Julho. Os anglo-americanos iam enfim dar a medida do seu poderio militar ao fim de três anos de guerra, suportados invencivelmente na defensiva. Mas o segredo era, naquele caso, a primeira condição do êxito da manobra gigantesca que já a essa hora estava em via de realização.

O DIA 8 DE NOVEMBRO DE 1942

Na manhã de domingo, 8 de Novembro, os ouvintes das estações radiofónicas da Grã-Bretanha e dos Estados-Unidos podiam ouvir uma notícia sensacional, dada sob a forma dum comunicado oficial do Grande Quartel General Aliado: «Forças do exército e da Armada dos Estados Unidos, dizia a notícia, estão, desde a madrugada de hoje, empenhadas em operações de desembarque no litoral da África do Norte Francesa. Estas operações justificam-se pela ameaça crescente das potências do Eixo contra aqueles territórios da França. Foram tomadas todas as providências para ter o povo francês ao corrente dos desembarques e do seu progresso. Estas operações combinadas das forças norte-americanas são vigorosamente apoiadas pela Armada Real britânica e pela R.A.F. O comandante-chefe das forças aliadas é o general Dwight Eisenhower».

Pouco depois, um comunicado adicional lançava alguma luz sobre a natureza do empreendimento em que os americanos se empenhavam e que constituía a primeira afirmação vigorosa do seu poder militar: «Há alguns meses que foi instalado em Londres um Quartel General inter-aliado, sob a direcção suprema dos Estados-Maiores combinados que têm a sua sede em Washington. Quando a ameaça do Eixo contra a África do Norte francesa começou a adensar-se, o general Eisenhower e os seus colaboradores começaram imediatamente a preparar os planos cuja execução agora está em curso. Este comando único estende-se a todas as forças de terra, de mar e de ar que tomam parte nos desembarques. O general Eisenhower fora já designado para o posto de comandante-chefe de todas as forças americanas enviadas para o campo de batalha europeu. O estabelecimento de um Quartel-General inter-aliado, em Londres, assina a origem da grande ofensiva que as Nações Unidas se propõem realizar. Tanto os chefes militares ingleses como americanos advogaram sempre a necessidade desta unificação do comando. Só depois de iniciada a operação é possível, agora, tornar conhecidos estes factos, em virtude da necessidade de guardar rigorosamente o mais estrito segredo à volta da sua realização».

(Continua)



A MELHOR PASTA PARA A HIGIENE DA BOCA

10

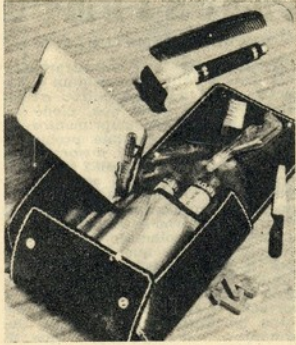
ESPIÕES DE GUERRA

A BENGALA DE MR. ARCHIBALD

POR PIERRE GOEMAERE

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPÁTICA. VI—MULLER, O DANDY ROWLAND, ESPIÃO POR AMOR. VII—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX—A MÚSICA E A PINTURA AO SERVIÇO DA ESPIONAGEM. X—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. XI—O ESPIÃO, CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XII—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XIII—HISTÓRIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM. XIV—O DUPLIO ESPIÃO. XV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XVI—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVII—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVIII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



terial qualquer: chapéu com fórrão falso, cigarreira de duas tampas, «valises» com fundos duplos, etc. E cita-se, a esse propósito, o caso de certo criado do qual nunca se separava um opulento embaixador, e que, a cada viagem de Sua Excelência, supersticiosamente introduzia entre as roupas do seu amo preciosos documentos, o qual era assim, sem o supor, o «correio» da espionagem de um país pelo qual não tinha simpatia alguma... Entretanto, a senhora embaixatriz levava incrustadas nos finos bordados das suas camisas de noite, certas filigranas que não eram mais que uma correctíssima linguagem de espíões que a costureira se encarregava de decifrar.

Um jornal francês de grande vulgarização (1) contou em 1916 a aventura do jornalista americano «mister» Archibald, o qual, de sentimentos germanófilos (isto passava-se antes da entrada dos Estados-Unidos na guerra, e o jornalista fazia no seu jornal uma campanha favorável aos Impérios Centrais) propôs aos embaixadores desses países fazer uma viagem à Europa, encarregando-se de conduzir os relatórios secretos que eles quisessem fazer chegar aos seus governos. Sem dúvida que esses diplomatas dispunham das «valises secretas», mas como toda a gente sabe, em tempo de guerra os «trucs» conhecidos são perigosos...

Suas Excelências acetaram a proposta e o jornalista embarcou para a Europa, munido dos preciosos papéis... e de uma não menos preciosa recompensa destinada a indemnizá-lo pelos seus astuciosos serviços. Para melhor despistar os «detectives» de bordo, o jornalista imaginou viajar em terceira classe e fazer-se passar por um jovem inglês que regressava ao seu país, a fim de se alistar no exército.

Durante a travessia teve o cuidado de se esquecer freqüentemente de fechar as suas malas ou de deixar na mesinha de cabeceira a sua carteira. Quem poderia supor que um homem tão distraído, tão desdenhoso, perante qualquer precaução, transportava documentos importantes? Em suma, não tinha cuidados senão para uma parte bem mediocre da sua bagagem: a sua bengala, um junco banal, do qual não se separava nunca, mesmo à hora das refeições. «Mania do viajante», diziam, rindo, os passageiros.

Segundo o costume, o navio foi detido em Falmouth, onde todos os barcos que faziam a rota do mar do norte eram sujeitos a uma séria vistoria.

Os agentes britânicos examinaram os papéis e as bagagens dos passageiros. Como tudo parecesse em ordem, os agentes saíram do barco e já o capitão, que os acompanhara, voltava para a ponte, quando um

oficial de polícia que viajava incógnito desde Nova-York, disse simplesmente:

—Mas nós não vimos «mister» Archibald, nem a sua bengala...

Depois de ter oferecido as suas malas para serem revistadas, o astucioso jornalista sumiu-se num refúgio seguro... que não designaremos especificamente.

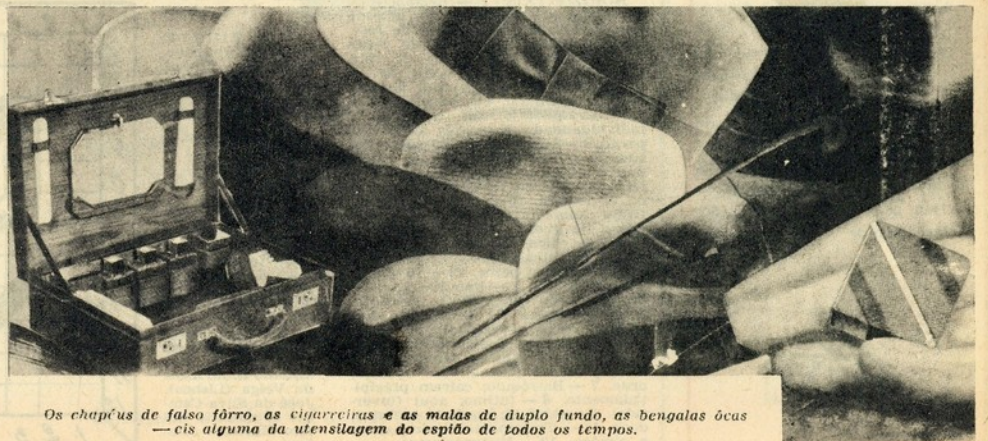
Os «detectives» esperaram pacientemente que ele saísse; quando isso aconteceu, o primeiro gesto que tiveram foi apoderarem-se da bengala, e o segundo pedir-lhe que os acompanhasse a terra.

A bengala, como muito bem suspeitara o polícia incógnito, era um junco hábilmente óco, no interior do qual iam os relatórios dactilografados em papel fino. Comunicado o texto desses documentos de Inglaterra para Washington, aconteceu cair em desgraça o Dr. Dumba, embaixador do Império austro-húngaro, ao qual o presidente Wilson moveu um processo «por ter tentado organizar sabotagens nas fábricas americanas».

(1) «Lecture pour tous», 15 de Fevereiro de 1916.

A seguir:

«O ESPIÃO-CORREIO DE NANTES» E «O HOMEM DE PARIS».



Os chapéus de falso fórrão, as cigarreiras e as malas de duplo fundo, as bengalas ócas — eis alguma da utensilagem do espíão de todos os tempos.

TIVEMOS ocasião de escrever sobre algumas das inúmeras manhas às quais recorre o espíão de gema como recurso para encaminhar os seus esclarecimentos para a potência por conta da qual exerce o seu perigoso «métier».

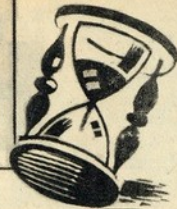
Mas vimos também como graças ao faro dos diferentes serviços de contra-espionagem, essas manhas foram por vezes inutilizadas. É, pois, normal que quando os documentos secretos não apresentem um carácter de grande urgência (quando respelam, por exemplo, os depósitos de munições, de centros de prisioneiros, ou sugestões de ordem geral, etc.), a espionagem prefere confiá-los àquêles dos seus agentes que, sob diversos pretextos, podem passar livremente de um país para outro. Os agentes cuja missão é a de se deslocares livremente, são designados por «correios».

O correio é, freqüentemente, um marinheiro adido à equipagem de um navio de reabastecimento de qualquer país neutral (os «correios» que tocaram nos portos de Espanha durante a última guerra foram em número incalculável) ou um homem de negócios, cujas actividades profissionais justifiquem as freqüentes viagens ou, ainda, uma entidade diplomática ou consular que possa deslocar-se livremente.

O «correio» dispõe, para dissimular os seus documentos, de um ma-



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

XADREZ

1.º «MATCH» PORTUGAL-ESPAÑA

Jogo disputado em 10/3/945, no Casino Estoril, entre Francisco Lupi, campeão de Lisboa, e A. Medina, campeão de Espanha:

Branças	Pretas		
Lupi	Medina		
Cg1—f3	1	Cg8—f8	
g2—g3	2	e7—e6	
Bf1—g2	3	Bd6×c5	
d2—d4	4	c7—c5	
e2—e3	5	Cb8—c6	
0—0	6	Bf8—d6	
c2—c4	7	0—0	
c4×d5	8	e6×d5	
d4×c5	9	Bd6×c5	
Cb1—c3	10	Bc8—e6	
b2—b3	11	Da8—a5	
Bc1—b2	12	Ta8—d8	
Cc3—e2	13	Cf6—e4	
a2—a3	14	Da5—b6	
Cf2—d4	15	a7—e5	
Dd1—c2	16	Tf8—e8	
Ta1—c1	17	Cc6×d4	
Ce2×d4	18	Td8—c8	
Dc2—d3	19	Be6—d7	
a3—a4	20	Db6—h6	

f2—f4	21	Bd7—h3	
Tf1—d1	22	Bh3—g4	
Td1—f1	23	b7—b6	
Tc1—c2	24	Dh6—h5	
Tf1—c1	25	Tc8—d8	
Tc1—e1	26	Bc5—b4	
Te1—c1	27	Ce4—c5	
Dd3—b5	28	Dh5—h6	
Bg2×d5	29	Tg8—g3	
Db5—c4	30	Dh6—g6	
Cd4—c6	31	Td8—f8	
Cc6—e5	32	Dg6—h5	
Dc4—d4	33	Abandonam	

SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 1

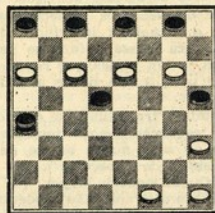
Jorge Curvelo (Monforte), António Ilídio Assis da Veiga (Lisboa) e «Tripeiro» (Pôrto).



(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 22

Pelo tenente Manuel José Domingues Peres (Melgaço)



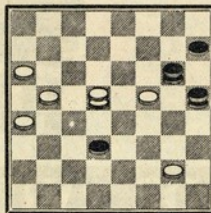
Jogam as brancas e ganham.

(O autor dedica este ser trabalho Rogério Fernandes, de Melgaço).

PROBLEMA N.º 23

Por António Eduardo Igrejas (Melgaço)

(Saúdamo os seus adversários do Campeonato por Correspondência, de «Vida Mundial Ilustrada», de 1945, dedica-lhes o autor o presente problema)



Jogam as brancas e dão mate em 8 jogadas.

VI CAMPEONATO DE LISBOA DE «DAMAS»

Terminou no dia 14 de Maio o VI Campeonato de Lisboa de «Damas» organizado pelo S. L. e Benfica, ao qual concorreram 20 jogadores representando o S. L. Benfica, Sporting C. de Portugal, C. F. «Os Belenenses», Atlético C. de Portugal e alguns individuais.

As classificações foram as seguintes:

1.º, Domingos Pais (Benfica), 55 pontos. 2.º, João Amadeu (Sporting), 54 pontos. 3.º, Fernando Martins (Benfica), 53 pontos. 4.º, Luis A. David (Sporting), 51 pontos. 5.º, Albino Martins (Benfica) e José D. Cerejeira (Atlético), 45 pontos. 7.º, Carlos Alberto (Sporting) e Ferreira Santos, 44 pontos. 9.º, Jorge S. Granés (individual), 43 pontos. 10.º, Carlos Pereira (Atlético), 38 pontos. 11.º, Ernesto Gonçalves (individual), 31 pontos. 12.º, Alberto Rocha (Belenen-

ses), 30 pontos. 13.º, Valentim da Silva (individual), 28 pontos. 14.º, Júlio C. Patrício (Benfica) e Cleutônio Alvarez (individual), 26 pontos. 16.º, Garcia da Mata (Belenenses), 24 pontos. 17.º, Joaquim Nicolau (Benfica), 16 pontos. 18.º, José Trindade (Belenenses), 15 pontos. 19.º, Moura Jacinto (Atlético), 7 pontos. 20.º, Carlos Branco (individual), 3 pontos.

Colectiva:

1.º, S. L. e Benfica, 108 pontos. 2.º, S. C. de Portugal, 105 pontos. 3.º, Atlético C. Portugal, 83 pontos. 4.º, C. F. «Os Belenenses», 54 pontos.

1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA

No próximo número começaremos a dar alguns resultados deste torneio, que continua a ser disputado com invulgar entusiasmo.

PASSATEMPO

RECREAÇÃO MATEMÁTICA

À mesa de um café encontraram-se três amigos: António, Joaquim e Zacarias. A certa altura entrou o matemático Júlio Vidal que, cheio de espírito e após os cumprimentos de estilo, propôs o seguinte problema:

Colocou na mesa 33 fósforos, dos quais tirou 10. Entregou 2 ao António, 3 ao Joaquim e 5 ao Zacarias. Em seguida, pôs na mesa 3 objectos: um lápis, uma borraça e um aparo. Felto isto retirou-se ordenando aos amigos que escolhessem cada um o seu objecto, mas que o que ficasse com o lápis tirasse da mesa um número de fósforos igual ao que lhe tinha dado; o que ficasse com a borraça tirasse um número de fósforos igual ao dobro dos que lhe tinham sido entregues; e o que tivesse o aparo tirasse o triplo dos que lhe tinha dado.

Pergunta-se, após isto: Póde o matemático saber a quem pertencia cada um dos objectos?

Se, no caso afirmativo, como o soube?

A argúcia e inteligência dos nossos leitores responder-nos-ão certamente a esta proposição.

Nota — Este problema, depois de revisto, foi-nos apresentado pelo nosso estimado amigo Dr. Manuel Malheiro Estrêla, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

SOLUÇÃO DOS ANAGRAMAS

(Publicados em 10/5/945)

1) Roma. 2) Lagos. 3) Paris. 4) Setúbal. 5) Praga. 6) Sena. 7) Mira. 8) Ossa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18

HORIZONTAIS: 1 — Divino; carpa. 2 — Era; ora; sais. 3 — To; sacra; sos. 4 — Escusa; lacra. 5 — ... Idas; aro. 8 — Nil... ama. 10 — Das... dar. 11 — Anal... asa.

VERTICAIS:

1 — Determinada. 2 — Irosa; Dinan. 3 — Vá; falir. 4 — Sul; Sol. 5 — Noas. 6 — Orea. 7 — Ar. 8 — Al. 9 — As. 10 — Rasca; arada. 11 — Pior; primas. 12 — Assas; orara.

DECIFRADORES DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

D. Herminia Flogos (Lisboa), Engenheiro Alfredo José Ferreira (Pôrto), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), Dr. José Rodrigues Correia (Viseu), António Ilídio Assis da Veiga (Lisboa), José da Silva Campos (Guarda) e Eurico Machado (Lisboa).

PROBLEMA N.º 19 (Concurso)

Por José de Sousa Gaspar (Covilhã)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Restabelecia. 2 — De longa idade; sugam o leite da teta. 3 — Forma diminutiva de José; rugido; basta. 4 — Pedra de lagar inv.; distava; abreviatura de reis. 5 — Nota de música; nome de letra (pl.). 6 — Artigo plural; designa cólera ou enfado; em partes iguais. 7 — Batráquio; o que constitue a individualidade, a pessoa; ataque de paralisia. 8 — Abreviatura significativa de santos de Cristo; 101 romanos; medida chinesa. 9 — Nome de letra; parencça; cáñhamo da Índia ou de Manila. 10 — Aqui está; rum; título honorífico. 11 — Antiga máquina de guerra, terminada em cabeça de carneiro, que servia para bater muralhas; maquinismo para erguer grandes pesos. 12 — Imolaras.

VERTICAIS: 1 — Família de plantas que têm por tipo o rizóforo. 2 — Infiltrações de serosidade nos tecidos; corta a vegetação em volta duma mata. 3 — Com o; textualmente. 4 — Artigo plural; também. 5 — Nau; pronome pessoal. 6 — Graças; orne. 7 — Batráquio; caíram precipitadamente. 8 — Íntimo; aqui (invertido). 9 — Alto a; aqui. 10 — Único; doar. 11 — Tratamento clínico; como o alimóco. 12 — Misturariamos.



PASTA MEDICINAL Couto

TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo	10\$50
Medicinal grande — tubo	16\$00
Vulgar pequena — tubo	4\$00
Vulgar grande — tubo	7\$00



É NA CASA
REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS
E ARTÍSTICOS BORDADOS

RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIAODO) — LISBOA — TEL. 25974

Composição: Mentolum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



O mais antigo Analgésico
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

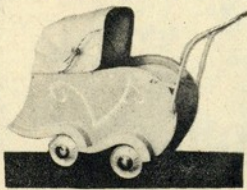
Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
20,30	16,7	19,5	19,7	25,3
22,45		19,5		25,3
23,00		19,5	25,3	30,9

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por
intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 19,45 às 20.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

CARRINHOS
PARA
BEBES
e cadeirinhas



Fabrinca

os melhores

a pronto ou com
facilidades
de pagamento

I. COSTA & SILVA, L. DA

R. Arco do Bandeira, 79, 1.º
LISBOA Telefone 26713
(atende-se a provincia)



LEIA
TODOS OS
SÁBADOS
Vida
Mundial
UM JORNAL QUE É
UM MUNDO!



Os melhores artigos dos melhores
autores transcritos dos melhores jor-
nais dos vários países.

Por um escudo por semana evitará
gastar muitos escudos na compra de
muitos jornais e revistas.

Compre avulso • Faça a sua assinatura



O vigor e a beleza juvenil
da pele, pode adquiri-los usando
o pó de arroz MATITÉ — sem
talco — poderoso atributo do
encanto feminino.

MATITÉ, fabricado nas mais
belas côres naturais, adere per-
feitamente e torna imperceptí-
vel a sua aplicação. Resiste às
intempéries e conserva-se todo
o dia inalterável.

L.T. PIVER



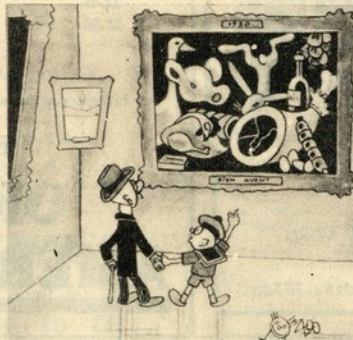
— Queres vir dar uma volta no carro?
— Não, hoje a cor do meu vestido não condiz com a do automóvel...



— Que penal! Se chego meia hora antes, tinha ouvido a minha conferência!...



— Bateram à porta...
— Então, leva o bôlo, que devem ser os fotografos...



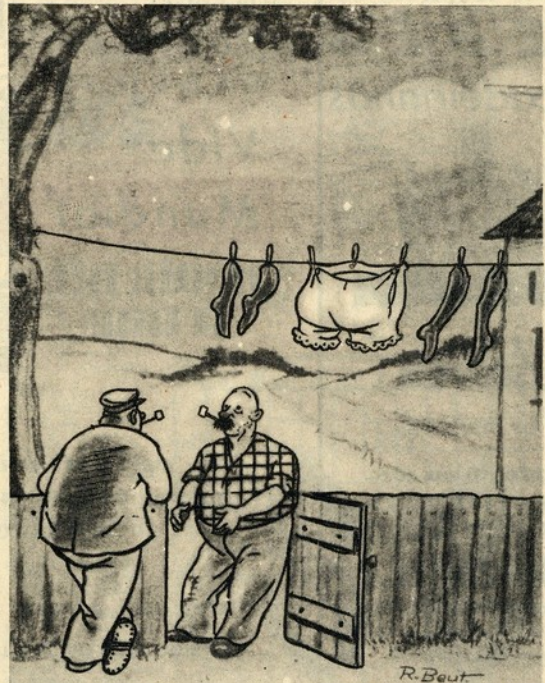
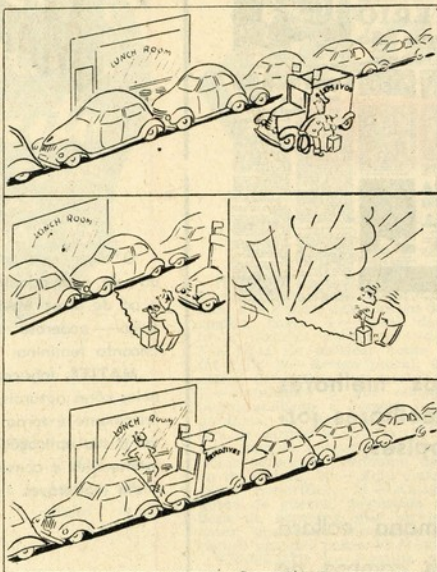
— Papá, isto é que é o super-realismo?



— Bom, mas, afinal, porque esperas para te pões a andar?

QUEIXUMES ÍNTIMOS...

O HOMEM QUE RESOLVEU O PROBLEMA DO ESPAÇO VITAL...



— E o que é mais triste é que quando nos casámos ela era tão delgadinha, tão franzina!...